



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ
CAMPUS SENADOR HELVÍDIO NUNES DE BARROS
LICENCIATURA PLENA EM HISTÓRIA

MARIA VANESSA DE SOUSA MOURA

“Nós estamos cada vez mais visíveis”: Ailton Krenak, a crítica à narrativa civilizatória ocidental e a luta dos povos originários (1987-2022)

PICOS – PI

2025

MARIA VANESSA DE SOUSA MOURA

“Nós estamos cada vez mais visíveis”: Ailton Krenak, a crítica à narrativa civilizatória ocidental e a luta dos povos originários (1987-2022)

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao curso de Licenciatura Plena em História, da Universidade Federal do Piauí, *campus* Senador Helvídio Nunes de Barros, para obtenção do grau de Licenciada em História.

Orientador: Prof. Dr. José Maria Vieira de Andrade

FICHA CATALOGRÁFICA
Serviço de Processamento Técnico da Universidade Federal do Piauí
Biblioteca José Albano de Macêdo

M929n Moura, Maria Vanessa de Sousa.
"Nós estamos cada vez mais visíveis": Ailton Krenak, a crítica à narrativa civilizatória ocidental e a luta dos povos originários (1987-2022) / Maria Vanessa de Sousa Moura – 2025.
54 f.

1 Arquivo em PDF
Indexado no catálogo *online* da biblioteca José Albano de Macêdo-CSHNB
Aberto a pesquisadores, com restrições da Biblioteca

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Universidade Federal do Piauí, Curso de Licenciatura em História, Picos, 2025.
" Orientador: Prof. Dr. José Maria Vieira de Andrade"

1. História-povos indígenas. 2. Crítica-Ailton Krenak. 3. Resistência indígena. I. Moura, Maria Vanessa de Sousa. II. Andrade, José Maria Vieira de. III. Título.

CDD 570

Elaborada por Maria Letícia Cristina Alcântara Gomes
Bibliotecária CRB nº 03/1835



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ
Campus Senador Helvídio Nunes de Barros
Coordenação do Curso de Licenciatura em História
Rua Cícero Duarte Nº 905. Bairro Junco CEP 64600-000 – Picos-Piauí
Fone: (89) 3422 2032 e-mail: coordenacao.historia@ufpi.br

ATA DE DEFESA DE MONOGRAFIA

Aos vinte e seis dias de junho de 2025, às 14h30, no Campus Senador Helvídio Nunes de Barros, da Universidade Federal do Piauí, reuniu-se de forma presencial a Banca Examinadora designada para avaliar a Defesa de Monografia do Curso de Licenciatura Plena em História, de autoria da discente **MARIA VANESSA DE SOUSA MOURA**, intitulada: “**NÓS ESTAMOS CADA VEZ MAIS VISÍVEIS**”: **ALTON KRENAK, A CRÍTICA À NARRATIVA CIVILIZATÓRIA OCIDENTAL E A LUTA DOS POVOS ORIGINÁRIOS (1987-2022)**”. A banca foi constituída pelos professores:

Orientador: Prof. Dr. JOSÉ MARIA VIEIRA DE ANDRADE
Examinador Íterno: Prof. Dr. RAFAEL RICARTE DA SILVA
Examinador Externo: Prof. Me. FRANCISCO ADRIANO LEAL MACEDO

Após as arguições, tendo em vista que todas as questões foram respondidas e as sugestões serão acatadas, a banca deliberou pela APROVAÇÃO da candidata, atribuindo-lhe uma média aritmética de 10,0 (dez pontos). Após a deliberação do resultado, foi lavrada a presente ata que será assinada pelos membros da Banca Examinadora e pelo discente, autor do trabalho

Picos (PI), 26 de junho de 2025.

Orientador: José Maria Vieira de Andrade

Examinador: Francisco Adriano Leal Macedo

Examinador: Rafael Ricarte da Silva

DEDICATÓRIA

Aos meus pais que, com muito esforço, me deram as oportunidades que eles não tiveram e me ensinaram a ser forte.

EPÍGRAFE

Definitivamente não somos iguais, e é maravilhoso saber que cada um de nós que está aqui é diferente do outro, como constelações.
(Krenak, 2019, p. 16)

AGRADECIMENTOS

A Deus, meu refúgio e força, por ter me amparado em todas as dificuldades e desafios enfrentados ao longo dos árduos anos de graduação. À minha Mãe no céu, Socorro sempre presente nas minhas aflições, por acolher minhas lágrimas, angústias e súplicas constantes. Ao Sagrado Coração de Jesus, onde tantas vezes me refugiei e encontrei esperança. A meu pai, José Valdinar, pelo amor, apoio e dedicação assim como à minha mãe, Maria Luzia, pelo amor, cuidado e tempo a mim dispensados. A estes agradeço, especialmente, pelo zelo nos muitos momentos em que, pelos excessos da rotina exaustiva, minha saúde física e emocional entrou em colapso evidenciando a vulnerabilidade humana em um mundo que nos quer como máquinas. Ao meu irmão, Luciano, pela amizade e companhia que às vezes me irritam, mas que iluminam e dão sentido à minha vida.

Aos meus avós maternos, Tereza e Miguel, e aos meus avós paternos, Maria José e Zé Moura, por viabilizarem, em conjunto com meus pais, o meu acesso à educação, desde a minha infância, acolhendo-me gentilmente em suas residências onde vivi por muito tempo. De modo semelhante, agradeço a meus padrinhos Isabel e Nonato, e a meu tio “Bastinho” por abrirem as portas de suas casas para me receber por um breve período, já durante a graduação, quando me transferi para Picos. Às minhas tias Do Carmo e Paixão, minhas incentivadoras constantes. À tia Terezinha e aos tios Vaniel, Wagner e José Vânio, assim como os primos, entre eles: Ana Karine e Maria Vitória – exemplos de dedicação, inteligência e bondade –, Karoline, Daniel, Eduardo, Edson, Gustavo, Allan, Alexandre, Davi Luís e Bernardo.

Agradeço aos amigos com os quais partilho as bonanças e amarguras da vida – incluindo os altos e baixos acadêmicos –, tornando-a mais divertida e menos angustiante. Entre eles: Mirleny, Vivianne, Alan Kerven, Loysla, Alexandre Ribeiro, Pedro Lucas, Lourany, Steffany Galvão, João Victor, Ludmila, entre tantos outros que passaram pelo meu caminho e com os quais dividi os altos e baixos do processo. Agradeço especialmente à Marina Yorrana e Regisa Dantas, minha equipe durante a maior parte do curso, e à Luisa Rodrigues, irmã em Cristo e amiga sempre presente. Agradeço, ainda, à Iasmim pelo companheirismo e apoio ao longo dos últimos anos sem os quais, certamente, o percurso teria sido mais penoso.

Ao meu orientador, Prof. Dr. José Maria, pela paciência e pelas contribuições desde os momentos embrionários deste trabalho assim como aos demais professores da Universidade Federal do Piauí, campus de Picos, pelos saberes compartilhados. Entre eles: Prof^ª Dr^ª Olívia Candeia, Prof. Dr. Rafael Ricarte, Prof^ª Me Nádia Narcisa, Prof^ª Me Bárbara Bruma, Prof^ª Dr^ª Carla Silvino, entre tantos outros.

Entre tantas pessoas, agradeço, por fim, a mim mesma por ter suportado de modo resiliente este processo que em tantos momentos pareceu insuportável agindo, assim, conforme recomenda Ailton Krenak: “Quando aparecer um deserto, o atravesse.” (Krenak, 2020, p. 61).

RESUMO

O presente trabalho tem como mote a análise das contribuições políticas e intelectuais de Ailton Krenak para a contestação das visões pessimistas construídas historicamente em relação aos povos originários americanos e à América. Neste sentido, no desenvolvimento desta pesquisa, utilizamos como fontes entrevistas concedidas pelo escritor e ativista em estudo entre o final do século XX e as primeiras décadas do século XXI e algumas de suas principais obras tais como *Ideias para adiar o fim do mundo* (2019) e *Futuro ancestral* (2022). Ademais, recorreremos às análises feitas por Matthew Restall (2006), Maria Regina Celestino de Almeida (2010), Francisco Lima Neto (2022), entre outros autores. Deste modo, buscamos demonstrar, por meio deste trabalho, que o pensamento singular e os posicionamentos de Ailton Krenak fornecem relevantes contribuições para a História Indígena brasileira e para a construção de perspectivas que, ao invés de perpetuar discursos estigmatizantes, destacam a resistência e o dinamismo dos povos originários.

Palavras-chave: Ailton Krenak; Povos indígenas; Visões derrotistas; Resistência.

ABSTRACT

This paper aims to analyze Ailton Krenak's political and intellectual contributions to challenging historically constructed pessimistic views regarding indigenous American peoples and America. In this sense, in the development of this research, we used as sources interviews given by the writer and activist under study between the end of the 20th century and the first decades of the 21st century and some of his main works such as *Ideas to postpone the end of the world* (2019) and *Ancestral Future* (2022). In addition, we resorted to the analyses made by Matthew Restall (2006), Maria Regina Celestino de Almeida (2010), Francisco Lima Neto (2022), among other authors. In this way, we seek to demonstrate, through this work, that Ailton Krenak's singular thinking and positions provide relevant contributions to Brazilian Indigenous History and to the construction of perspectives that, instead of perpetuating stigmatizing discourses, highlight the resistance and dynamism of native peoples.

Keywords: Ailton Krenak; Indigenous peoples; Defeatist views; Resistance.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	6
2. AILTON KRENAK: ATIVISTA E INTELLECTUAL EM PERSPECTIVA	13
2.1 Do exílio à “guerrilha cultural”: o ativismo de Ailton Krenak	13
2.2 A atuação de Ailton Krenak enquanto intelectual e ambientalista	25
2.3 Da margem ao centro: reverências a Ailton Krenak	28
3. AILTON KRENAK E A CRÍTICA À RACIONALIDADE CIVILIZATÓRIA OCIDENTAL	30
3.1 A insurgência de Ailton Krenak contra a lógica do progresso e da utilidade	31
3.2 “Se há futuro a ser cogitado, esse futuro é ancestral”: Os saberes indígenas como alternativa ao modelo ocidental	39
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS	46
5. REFERÊNCIAS	48

1. INTRODUÇÃO

Neste trabalho, analisamos de que modo a trajetória política e intelectual do líder indígena Ailton Krenak contribuiu para a desconstrução ou ressignificação de representações pessimistas sobre os povos ameríndios historicamente construídas a partir dos processos de colonização das Américas. Apesar de serem permeados por especificidades, os empreendimentos colonizadores no continente americano apresentaram também características semelhantes entre elas as leituras feitas por portugueses e espanhóis em relação aos habitantes nativos, aspecto de fundamental importância para esta pesquisa.

O interesse para o desenvolvimento desta análise surgiu ao longo do sétimo período a partir da leitura do sexto capítulo da obra *Os Sete Mitos da Conquista Espanhola*, de Matthew Restall (2006). Neste livro, o autor busca estabelecer uma reavaliação, de modo crítico, quanto a narrativa tradicional sobre a conquista espanhola das Américas. Para isso, ele destaca e procura desconstruir sete mitos forjados com base em distorções e simplificações sobre a temática que, ao serem perpetuados pela historiografia tradicional cristalizaram-se nos imaginários coletivos gerando visões depreciativas e superficiais.

Entre os sete mitos elencados ao longo da obra estão o mito dos homens excepcionais que, segundo Maurício Andrade (2008), pressupõe que as Américas foram conquistadas por “homens notáveis”; o mito do exército do rei que trata sobre a perspectiva de “que todos os soldados que chegaram à América eram militares” e, no sexto capítulo, é discutido sobre o mito da desolação nativa segundo o qual os povos originários e seus lugares de origem ficaram tão devastados que a longo prazo suas culturas deixariam de existir seja pela aculturação ou pelo extermínio.

Uma das premissas que fundamentavam tal perspectiva consiste na ideia da vulnerabilidade das civilizações nativas as quais devido “a inocência de seus habitantes não poderiam sobreviver à experiência da invasão, depredação e imperialismo cultural europeus” (Restall, 2006, p. 183). Restall destaca, ainda, a existência de abordagens que defendem a concepção da inferioridade das culturas e civilizações americanas apontando-as como subdesenvolvidas. Deste modo, os europeus, pressupondo sua superioridade, justificavam seus empreendimentos colonizadores partindo da concepção de que possuíam a missão de civilizar tais povos.

Nesta perspectiva, a ideia central derivada das narrativas coloniais em relação aos povos nativos parte “do princípio de que as culturas indígenas foram destruídas, incapazes que se

mostraram de resistir à arremetida dos invasores europeus.” (Restall, 2006, p. 184). Nas terras que hoje compõem o Brasil, as percepções sobre os indígenas a partir dos primeiros contatos não foram muito diferentes daquelas observadas por Restall em relação à conquista espanhola visto que se presumia e, ao mesmo tempo, pretendia-se o extermínio do indígena brasileiro.

Ora visto como bárbaro, ora como bom selvagem, no Brasil, desde o período colonial até meados do período republicano havia uma condição imposta para que os povos nativos pudessem existir: a integração. Desta maneira, para serem aceitos na sociedade, deveriam renunciar às suas identidades e culturas e assimilar os códigos morais e de comportamento do colonizador. Neste sentido, a perspectiva da assimilação corrobora para a reprodução do mito da desolação nativa de Restall (2006) à medida em que pressupõem a impossibilidade da existência concomitante das duas culturas de modo que a superior prevaleceria sobre a inferior.

De acordo com a análise de Maria Regina Celestino de Almeida (2010), observa-se que as visões relacionadas aos povos indígenas no Brasil predominantes até meados do século XX, veiculavam narrativas que os descrevia como primitivos, derrotados, vítimas indefesas. Predominavam também as perspectivas assimilacionistas as quais defendiam que das relações entre nativos e colonizadores derivaria a consequente perda das culturas e identidades originárias pressupondo a extinção dos povos originários a partir do contato com o outro devido a sua presumida incapacidade de resistir ao invasor, de modo semelhante ao que é exposto por Restall (2006). Em contrapartida, para este autor, as culturas nativas, na verdade, se mostraram estratégicas e resilientes por sua capacidade de adaptação visto que

[...] não eram nem bárbaras nem idílicas, mas tão civilizadas e imperfeitas quanto as culturas européias da época. As respostas dos nativos à invasão foram baseadas em avaliações de seus próprios interesses, do mesmo modo como as decisões tomadas pelos espanhóis – e foram muito variadas, não homogêneas.

Ao analisar o percurso da política indigenista brasileira, mais especificamente ao longo do período imperial, Fernanda Sposito (2012) aponta que no Brasil os indígenas não se configuravam nem como cidadãos nem como brasileiros apenas por serem indígenas. Desta maneira, só poderiam adquirir o status de brasileiros e ocupar este lugar à medida em que deixassem de ser “selvagens”, abdicando de suas culturas e modos de vida diversos, e se tornassem trabalhadores a serviço da economia nacional com seus propósitos de desenvolvimento. Neste sentido, a autora conclui que

De todo modo, o índio, dentro do Império, só poderia ser brasileiro ou, hipoteticamente, cidadão, se deixasse, justamente de ser indígena. Somente sua incorporação, o que vale dizer, a extinção de sua identidade indígena é que

lhe daria direitos um pouco mais igualitários nesse Estado. (Sposito, 2012, p. 143)

Com base no exposto, para a construção desta reflexão, tomamos como pretexto de estudo a atuação política e intelectual do líder indígena e ambientalista Ailton Krenak com o intuito de analisar as contribuições derivadas de seu ativismo para a produção de novas perspectivas em relação aos povos originários e, conseqüentemente, para a crítica, ressignificação ou desconstrução das visões pessimistas e estereotipadas direcionadas a estes povos e à América a partir do final do século XV.

Desta forma, trata-se de um estudo de caráter qualitativo que busca analisar de que maneira Ailton Krenak, enquanto indígena e sujeito político atuante em prol dos direitos destes povos bem como da preservação da natureza, tem contribuído para uma reconstrução historiográfica que valorize e dê visibilidade à pluralidade sociocultural, à alteridade, aos saberes e à existência como um todo das comunidades indígenas no Brasil. Neste sentido, com base nas questões expostas, buscamos responder às seguintes problemáticas a serem investigadas ao longo da pesquisa: Como a América e os povos originários foram representados pela historiografia tradicional? Como as reflexões de Ailton Krenak contribuem para desconstruir as visões derrotistas atribuídas aos povos indígenas e os estereótipos em torno da América? De que modo a experiência intelectual e política do autor nos ajuda a repensar a preservação das culturas e identidades nativas?

A relevância deste trabalho de pesquisa surge à medida em que busca contribuir para uma espécie de redescobrimto dos povos originários a partir de uma perspectiva que questione a epistemologia colonizadora que ainda ressoa na contemporaneidade. Torna-se relevante também por buscar contribuir para as pesquisas relacionadas à temática no *campus* Senador Helvídio Nunes de Barros – UFPI, bem como por buscar levar em consideração o protagonismo dos povos indígenas para, com isso, percebê-los para além das visões pessimistas derivadas das concepções coloniais.

Segundo o antropólogo indígena Gersem Baniwa (2006), em seu livro intitulado *O índio brasileiro: o que você precisa saber sobre os povos indígenas no Brasil de hoje*,

quando falamos de diversidade cultural indígena, estamos falando de diversidade de civilizações autônomas e de culturas; de sistemas políticos, jurídicos, econômicos, enfim, de organizações sociais, econômicas e políticas construídas ao longo de milhares de anos, do mesmo modo que outras civilizações dos demais continentes europeu, asiático, africano e a Oceania. Não se trata, portanto, de civilizações ou culturas superiores ou inferiores, mas de civilizações e culturas equivalentes, mas diferentes. (Baniwa, 2006, p.49)

Acreditamos, por tanto, que o pensamento singular e os posicionamentos de Ailton Krenak possam dar relevantes contribuições para a História Indígena brasileira e para a construção de perspectivas que, ao invés de priorizar e perpetuar noções de derrotismo e estereótipos, destaquem a resistência das comunidades tradicionais com o intuito de assegurar seus direitos à diferença. Assim, temos como objetivos para este trabalho analisar se e como a trajetória política de Ailton Krenak durante o final do século XX e as primeiras décadas do século XXI contrapõe-se às visões derrotistas acerca da América e dos povos originários do continente americano de modo a contribuir para a preservação dos povos, culturas e identidades nativas e identificar como as produções intelectuais de Ailton Krenak podem contribuir para contrapor visões pessimistas consolidadas pela historiografia em relação à América e aos ameríndios.

A hipótese levantada ao longo desta pesquisa pressupõe que a atuação política e intelectual do líder indígena e ambientalista Ailton Krenak tem contribuído para contrapor as visões derrotistas atribuídas aos povos nativos americanos e à América. Enquanto as sub-hipóteses sugerem que os povos indígenas foram representados de modo depreciativo pelas narrativas históricas produzidas desde a chegada dos portugueses às terras que viriam a ser o Brasil; as representações historiográficas relacionadas aos povos originários contribuíram para a produção e reprodução de preconceitos, estereótipos e desigualdades sociais; os povos originários não estiveram e não estão avessos ao processo histórico e a escrita e a atuação intelectual de Ailton Krenak se inserem e se constituem como uma faceta importante do paradigma decolonial.

No que concerne às percepções relacionadas às diferenças percebidas nos sujeitos encontrados nas Américas, ao tecer uma análise crítica sobre as concepções de humanidade defendidas pelos padrões ideológicos colonizadores, Ailton Krenak (2019) observa que, na prática, a concepção construída em torno da humanidade nativa parte de visões depreciativas e hierarquizantes que definem os moldes europeus como superiores diante da alteridade encontrada e atribuem um lugar a ser ocupado pelo “outro”. Assim, de acordo com o autor,

A ideia de que os brancos europeus podiam sair colonizando o resto do mundo estava sustentada na premissa de que havia uma humanidade esclarecida que precisava ir ao encontro da humanidade obscurecida, trazendo-a para essa luz incrível. Esse chamado para o seio da civilização sempre foi justificado pela noção de que existe um jeito de estar aqui na Terra [...]. (Krenak, 2019, p. 8)

Deste modo, esta “sub-humanidade” permeada por mitos em relação às Américas enquanto seio dos vitimados, cujas vértebras estariam sempre abertas para a dominação, de acordo com Eduardo Galeano (2010), pode ser observada, ainda, em Restall (2006) à medida em que este aponta algumas noções europeias estereotipadas em relação aos ameríndios percebidos como desprovidos de cultura, nocivos ou indefesos visto que faltava-lhes “os atributos das culturas e comunidades humanas” e, entre outros aspectos, por sua linguagem considerada primitiva que “não alcançava o nível da verdadeira fala”.

Em carta direcionada à *Revista Brasileira de Etnobiologia e Etnoecologia*, em 2018, ao tratar sobre o conceito de ecologia Ailton Krenak afirma que para os sujeitos que vivem na floresta este conceito está diretamente ligado à própria floresta visto que dela provém todo o suporte que garante a manutenção material, cultural e espiritual das comunidades que dela dependem. Ou seja, a ecologia, para os povos da floresta, consiste em mantê-la viva e preservada. Para Krenak, a perspectiva de distanciar sujeitos dos seus lugares interferindo, portanto, nas suas formas próprias de existência, constitui-se como uma “violência colonial” que não enxerga as pessoas como indivíduos, que leva à expansão do capitalismo e a um desequilíbrio ecológico.

Por isso, Krenak afirma que o “colonialismo do poder” determina o lugar daqueles que serão afastados do seu ecossistema: “Este é um lugar de mobilidade, do lugar nenhum ou qualquer lugar” (Krenak, 2018, p. 1-2). Em outras palavras, Krenak está denunciando a violenta exclusão dos povos que vivem nas florestas à medida em que são obrigados a retirar-se dos seus lugares de origem ou têm suas condições de permanência limitadas por diversos fatores, bem como denuncia os malefícios causados à Natureza pela ganância predatória derivada das mentalidades colonizadoras e capitalistas para as quais tudo o que existe é recurso e fonte de consumo.

Em seu livro *Ideias para adiar o fim do mundo* (2019), Ailton Krenak discute sobre esta perspectiva e afirma que “do nosso divórcio das integrações e interações com a nossa mãe, a Terra, resulta que ela está nos deixando órfãos, não só aos que em diferente graduação são chamados de índios, indígenas ou povos indígenas, mas a todos.” (Krenak, 2019, p.24). Neste sentido, ainda na carta mencionada anteriormente, o líder indígena destaca uma alternativa para reverter e romper com a busca pelo “desmembramento” entre seres humanos e natureza em prol de formas predatórias de consumo: a ecologia política. Para o autor, este conceito refere-se a

um projeto que reconstrói essa relação entre sujeitos coletivos e a existência orgânica em comum; expõe as estruturas assimétricas de poder que atingem essa relação comum sujeito/ambiente e promovem a

individualização/espoliação, com a apropriação do trabalho e das formas ecológicas de subsistência com a construção de um “eu-saqueador”/“eu-aniquilador”, tal como a crítica ao indivíduo patriarcal ocidental “sou, logo conquisto”, de Enrique Dussel, e “sou, logo extermino” de Ramon Grosfoguel. O individualismo separado das relações ecológicas com o lugar é a promoção do encarceramento, da privatização e apropriação dos projetos coletivos de existência em um planeta comum. (Krenak, 2018, p. 1)

Nesta perspectiva, esta pesquisa parte da iniciativa de identificar e analisar discursos veiculados ao longo da História sobre a América e seus habitantes, considerando-os como importantes fontes para o estudo das visões negativas construídas em relação a estes povos e que, em grande medida, mantêm-se cristalizadas no imaginário social contemporâneo. Assim, este estudo busca levar em consideração a relação direta que a memória exerce para os povos originários no que diz respeito à ancestralidade e sua relação com a natureza, elementos notadamente marcantes em suas culturas no sentido de preservar e perpetuar seus saberes, costumes e tradições bem como para a construção de suas identidades. Sendo assim, para a construção desta pesquisa serão utilizados autores que possam fornecer contribuições relevantes para a compreensão e discussão da temática.

As fontes utilizadas para o desenvolvimento desta pesquisa consistem em discursos proferidos pelo líder indígena Ailton Krenak ao longo de sua atuação política durante as últimas décadas, bem como algumas de suas principais obras¹. Neste sentido, a partir do levantamento e identificação dos discursos acessados através de entrevistas reunidas em forma de artigos ou livros tais como – *“Quando o povo indígena descobriu o Brasil”* (2022), *“Ser índio deixou de ser sinônimo de escondido no mato”* (2022), *“Encontros: Ailton Krenak”* (2015), entre outras² – e das obras de Ailton Krenak, tais como *“Ideias para adiar o fim do mundo”* (2019), *“A vida não é útil”* (2020), *“Futuro ancestral”* (2022), buscamos analisar como as representações estereotipadas em relação a estes povos são combatidas pelo autor no contexto político-social no qual está inserido e como suas reflexões e ideologias têm contribuído para que novas perspectivas historiográficas sejam construídas em relação à História dos Povos Indígenas.

Em suma, tivemos como intuito identificar de que maneira os discursos proferidos pelo autor contribuem para a promoção de narrativas que ressaltam valorização dos povos originários brasileiros. Deste modo, a metodologia empregada para a realização deste estudo é

¹ Optamos por não utilizar o documentário *Ailton Krenak e o sonho da pedra* (2017) visto que a obra aborda questões que fogem do escopo esboçado para este trabalho e que, neste momento, não poderiam ser tratadas com a devida profundidade.

² As entrevistas utilizadas como fontes para o desenvolvimento desta pesquisa foram concedidas por Ailton Krenak em diferentes contextos e circunstâncias a partir de meados da década de 1980.

de caráter qualitativo a partir da realização de leituras e fichamentos dos referenciais teóricos e bibliográficos que contribuíram de modo significativo para o desenvolvimento da temática.

O presente trabalho é composto por duas partes. Na primeira, destacamos quem é Ailton Krenak e elencamos alguns dos aspectos mais relevantes de sua vida pública desde a sua infância à sua inserção no Movimento Indígena Brasileiro. Na segunda parte, discutimos sobre algumas das principais obras do autor e líder indígena em pauta.

2. AILTON KRENAK: ATIVISTA E INTELLECTUAL EM PERSPECTIVA

Neste capítulo abordamos sobre a trajetória política e intelectual de Ailton Krenak destacando a relevância de seu pensamento e de sua atuação para a garantia dos direitos dos povos indígenas brasileiros, para a preservação do meio ambiente e para a crítica às práticas coloniais enraizadas nas sociedades atuais. Deste modo, buscamos elencar alguns aspectos de sua atuação no cenário nacional, grupos dos quais ele fez parte e, conseqüentemente, suas contribuições enquanto ativista, intelectual e ambientalista. Para a fundamentação desta parte do trabalho, utilizamos como suporte entrevistas concedidas por Ailton Krenak em diferentes momentos de sua vida, bem como autores que versam sobre as temáticas por ele discutidas com o intuito de evidenciar alguns dos dados mais basilares sobre sua trajetória política e intelectual.

2.1 DO EXÍLIO À “GUERRILHA CULTURAL”: O ATIVISMO DE AILTON KRENAK

Ailton Alves Lacerda Krenak nasceu em 29 de setembro de 1953 em Itabirinha, Minas Gerais, região próxima ao Rio Doce. É líder indígena, escritor, palestrante, jornalista, produtor gráfico, ambientalista e uma das vozes mais marcantes do movimento indígena brasileiro desde a década de 1980 sendo reconhecido nacional e internacionalmente pela sua atuação em prol da garantia dos direitos fundamentais aos povos originários e da preservação socioambiental.

Durante muito tempo, a partir da colonização brasileira, o território ocupado pelos Krenak – também conhecidos pelos colonizadores portugueses como “Botocudos” devido aos adornos por eles utilizados nas orelhas e nos lábios inferiores – foi alvo de cerceamentos impostos pela Coroa portuguesa com o intuito de evitar contrabandos de ouro e diamantes ao passo em que pretendia, também, dominar a região. A partir do século XVIII, os embates entre botocudos e colonizadores se intensificaram dando margem a um longo período de violência que provocou inúmeros prejuízos ao povo Krenak.

No dialeto burum, *Kren* significa cabeça e *Nak*, terra. Deste modo, de acordo com o indivíduo em análise, o grupo do qual ele e seus parentes fazem parte “é remanescente dos cabeça da terra.” (Krenak, 2015, p. 203). No livro *Ideias para adiar o fim do mundo*, Ailton Krenak expressa o significado que a nomenclatura possui para sua comunidade destacando a importância da relação entre os sujeitos e o território ao afirmar que

Krenak é a herança que recebemos dos nossos antepassados, das nossas memórias de origem, que nos identifica como “cabeça da terra”, como uma

humanidade que não consegue se conceber sem essa conexão, sem essa profunda comunhão com a terra. Não a terra como um sítio, mas como esse lugar que todos compartilhamos [...]. (Krenak, 2019, p. 24)

Segundo Francisco Lima Neto (2022), em 1920 o governo brasileiro tomou a iniciativa de criar uma colônia que abrangia toda a região do Médio Rio Doce onde, até então, os indígenas Krenak viviam. Concordou, entretanto, em reservar terras para este povo em um espaço que ficou conhecido como Posto Indígena Guido Marlière, nos municípios de Resplendor e Conselheiro Pena, onde as famílias indígenas foram alojadas. Contudo, as comunidades indígenas daquela região permaneceram sofrendo perseguições, ameaças e invasões que, a longo prazo, resultaram em deslocamentos forçados para outros lugares do país a partir da década de 1950 e, à medida em que eram transferidos para outros espaços, suas terras eram cedidas para a ocupação e usufruto de colonos. O líder indígena relata, em entrevista concedida ao jornalista Marco Antônio Tavares Coelho para a revista Estudos Avançados que

Naquele lugar houve um massacre causado pelos colonos. Incendiaram a aldeia, fuzilaram crianças e as mulheres e mataram muitos a facção. Isso ocorreu no final dos anos 1940 e 1950 e não havia ali nenhuma família instalada pacificamente. (Krenak, 2015, p. 198).

Neste sentido, observa-se que Ailton Krenak nasceu e viveu sua infância e adolescência em um contexto marcado por invasões e conflitos empreendidos por diferentes atores – tais como madeireiras, mineradoras e fazendeiros – na região em que seu povo vivia. Mediante o cenário de conflitos e disputas em que estavam inseridos, na década de 1970 Ailton Krenak, com idade entre dezesseis e dezessete anos, parte com sua família em busca de melhores condições de vida, sobretudo no que diz respeito à segurança. Inicialmente, pretendiam deslocar-se para o Paraná, entretanto, acabaram fixando-se no interior de São Paulo. Naquela região, frequentou uma escola pública de primeiro grau e alfabetizou-se. Aos dezenove anos fez um curso de artes gráficas no Senai e posteriormente formou-se em jornalismo pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF-MG).

Para Krenak, seu deslocamento para São Paulo teve impactos positivos para sua trajetória enquanto ativista à medida em que a partir de então teve início a sua formação enquanto sujeito reflexivo em relação às causas indígenas já que os aprendizados adquiridos com a experiência do exílio, bem como com o letramento lhe permitiram ocupar outros espaços e reivindicar mudanças estruturais na política e na sociedade brasileiras.

A partir do final da década de 1970 – também conhecida como o período do “grande despertar dos povos indígenas” – e ao longo dos anos 1980, em meados da ditadura civil militar

brasileira, Ailton Krenak percorreu diversas regiões do país visitando comunidades indígenas com o intuito de conhecer suas realidades e identificar quais eram suas necessidades. Em entrevista para a coletânea *Vozes indígenas na saúde: trajetórias, memórias e protagonismos* (2022), o autor enfatiza seu incômodo ao perceber a forte e recorrente atuação dos colonos naquele cenário tomando as terras indígenas e subjugando seus povos. Ao observar tal situação, que acontecia não somente em torno do Rio Doce, mas em todo o país, Ailton Krenak relata que era invadido por um “sentimento de reação a essa sobreposição de padrões coloniais”, sobretudo mediante a ambiguidade do Estado brasileiro em relação ao lugar concedido aos indígenas no cenário nacional.

Ainda na entrevista para a coletânea acima citada, Ailton Krenak apresenta dois aspectos referentes aos períodos da ditadura militar brasileira e pré-Constituinte. Segundo o autor, apesar de aquele ter sido um contexto de muita repressão em relação aos povos originários, aos seus territórios e identidades, foi também um momento em que a sociedade brasileira “estava muito mais ativa e desperta para o sentido do empoderamento social” (Krenak, 2022, p. 9). Por conseguinte, para Krenak, aquele recorte temporal foi, ao mesmo tempo, um período conflituoso e violento, mas, em contrapartida, criativo visto que “foi quando o povo indígena descobriu o Brasil” (Krenak, 2022, p. 42) e, neste sentido, o autor esclarece afirmando que

Dizem que o Brasil foi descoberto em 1500, mas o que continua valendo até agora foi a descoberta que o povo indígena fez do Brasil nos anos 1970 e 1980. A descoberta de que o Estado brasileiro é um aparato de colonização, segregação e extermínio de tudo o que é pensamento indígena. A descoberta de que tínhamos que disputar, dentro desse Estado, a narrativa sobre o Brasil, em vez de simplesmente nos conformarmos em ser aquela mítica constituição da trilogia índios, negros e brancos, fundando o Brasil caboclo. Nós desconfiamos daquele mito de fundação fajuto e decidimos desmanchá-lo. (Krenak, 2022, p. 42-43)

Embora tenhamos conhecimento das problemáticas em torno do uso do termo “descobrimento”, uma vez que este reforça aspectos da visão eurocêntrica que ignora a existência dos povos indígenas, de suas culturas e de sua relação com os territórios em que viviam antes da chegada dos colonizadores europeus, consideramos pertinente o uso dele feito por Ailton Krenak uma vez que revestido de um sentido particularmente distinto. O “descobrimento” a que Krenak se refere, feito não pelos europeus, mas pelos próprios indígenas, reflete um contraponto, uma contestação da visão estabelecida pelos europeus e pela historiografia tradicional; indica o processo de conscientização e, conseqüentemente, de construção de um posicionamento resistente das comunidades tradicionais frente a um Estado

que age de modo colonizador. O termo, quando utilizado pelo autor em estudo, sugere uma atitude inovadora, um ato de ressignificação de narrativas, um convite a uma nova episteme, a uma outra compreensão acerca da História do Brasil e dos povos originários brasileiros. Ao utilizar tal termo em sua fala, Ailton Krenak evidencia, ainda, a relevância da articulação do Movimento Indígena Brasileiro a partir da década de 1970.

Tomando como base as discussões de João Pacheco de Oliveira (2016), compreende-se, preliminarmente, o Movimento Indígena Brasileiro como uma ação política que surge como mecanismo de contestação ao sistema de tutela implementado pelo Estado brasileiro. Deste modo, ao assumir essa perspectiva, tornava-se imperativo que os indígenas realizassem

uma mobilização política, compondo mecanismos de representação, estabelecendo alianças e levando seus pleitos à opinião pública. Somente a constituição de um sistema de pressões poderia levar o Estado a agir, identificando e demarcando terras indígenas, melhorando os serviços de assistência ou resolvendo problemas administrativos deixados no limbo por muitos anos. (Oliveira, 2016, p. 275)

Neste sentido, para João Pacheco de Oliveira (2021), as mobilizações indígenas iniciadas na segunda metade do século XX representaram fator de grande relevância para a história do Brasil tanto por dar visibilidade a um novo ator político no cenário nacional quanto por instituir novas bandeiras políticas. De acordo com o autor,

Nas últimas cinco décadas, porém, os indígenas começaram a se apresentar perante a opinião pública de uma forma radicalmente diferente, como populações que lutam por seus direitos, exigem o reconhecimento de um território coletivo e demandam ativamente a preservação de seus modos de vida, língua e cultura. Podemos atualmente ver que os indígenas estão construindo narrativas e imagens sobre si mesmos, que exibem em suas manifestações políticas, artísticas e nos discursos cotidianos (agora alavancados pelas mídias sociais e pela internet a domínios muito mais amplos). (Oliveira, 2021, p. 10).

No tocante às assembleias indígenas, que fomentaram a criação do Movimento Indígena Brasileiro por meio de dezenas de mobilizações, João Pacheco de Oliveira (2016) afirma que elas consistiam em formas de articulação impulsionadas pelas entidades religiosas, a exemplo do Conselho Indigenista Missionário – CIMI, que incluíam também organizações não governamentais, antropólogos e outros interessados. Iniciadas em 1974 e intensificadas no início da década de 1980,

As assembleias indígenas funcionavam como foros políticos abertos, sem estrutura burocrática nem forma de ação continuada. A categoria unificadora (e jamais definida) era a de “liderança indígena”, expressão que podia ser aplicada tanto a chefes gerais de uma área indígena quanto a chefes de aldeias,

peessoas influentes (algumas vezes até o antagonista do chefe), bem como índios escolarizados e que tivessem mais capacidade de se expressar em português. Jamais definida ou colocada em questão, tal categoria, apesar de sua grande heterogeneidade interna (pois abrangia desde líderes tradicionais até jovens e estudantes), terminava por receber um sentido preciso, determinado por seu reiterado uso – designava todo e qualquer indígena que quisesse falar sobre os problemas, isto é, as necessidades e reivindicações de seu povo ou sua aldeia. (Oliveira, 2016, p. 277).

Neste sentido, consideramos oportuno destacar a atuação de Ailton Krenak como porta-voz das demandas indígenas a partir de motivações acima citadas, especialmente no tocante à capacidade de comunicação em língua portuguesa, elemento decisivo, inclusive, para sua participação na Assembleia Nacional Constituinte.

Poliene Bicalho (2010) compreende tais Assembleias como fundadoras do Movimento Indígena Brasileiro uma vez que aqueles encontros

representam o lugar onde a consciência da necessidade da luta por reconhecimento é partilhada por diferentes etnias que começavam a se perceber como coletividade. As Assembleias foram o lugar e a oportunidade que tiveram para dividir os anseios, as frustrações, os medos, as necessidades, as esperanças, as conquistas, a cultura, os hábitos, os costumes, a indianidade enfim. (Bicalho, 2010, p. 158)

A autora defende que as reuniões entre as lideranças indígenas brasileiras permitiram que estas se colocassem em oposição aos discursos vigentes que, tradicionalmente, não reconheciam os povos indígenas “como sujeitos históricos, mas apenas como serem em extinção” (Bicalho, 2010, p. 157) e, dessa forma, levaram ao conhecimento público suas concepções e posicionamentos.

Daniel Munduruku (2012), intelectual e ativista indígena brasileiro, enxerga naquelas mobilizações que deram origem ao Movimento Indígena Brasileiro um caráter educativo uma vez que contribuíram para uma tomada de consciência, pelos povos indígenas, que acarretou mudanças na história nacional à medida em que “obrigou a história escrita até então a mudar de rumo e o Brasil a acolher – ainda que compulsoriamente – seus primeiros habitantes” (Munduruku, 2012, p. 211). O autor afirma, ainda, que

Mesmo que surjam críticas com relação à atuação destas entidades, há de se considerar que foram elas que puseram os diferentes povos indígenas em contato, gerando um espírito de solidariedade em torno dos problemas que cada grupo enfrentava nas diferentes regiões do país. [...] As diferentes assembleias, encontros, mesas de discussões apresentaram novas possibilidades de atuação e foram forjando uma mentalidade nova nas lideranças que delas participavam. (Munduruku, 2012, p. 218)

Neste contexto, a partir de 1979 e ao longo da primeira metade da década de 1980, Ailton Krenak participou ativamente das articulações que culminaram com a criação da União das Nações Indígenas (UNI) que contou com a participação de lideranças de diferentes povos indígenas brasileiros, entre eles os Xavantes, os Terena e os Kadiwéu. Esta organização foi pioneira na articulação do movimento indígena no Brasil. Foi criada com o intuito de defender os direitos e interesses dos povos originários em um momento em que a articulação destes ainda estava fragmentada e dispersa. Contribuiu, portanto, para o engajamento deste movimento através da mobilização e das reivindicações de diferentes grupos.

Na época em questão, segundo Francisco Lima Neto (2022), após viajar por diferentes regiões do país e identificar que todos os povos indígenas estavam lidando com problemas semelhantes – ataques, invasões, descaso da lei –, Ailton Krenak percebeu a necessidade de os povos indígenas articularem-se para formar uma resistência consistente, pois sozinhos seria mais difícil obter resultados concisos numa sociedade atuante no sentido oposto. Deste modo, em entrevista concedida para Sergio Cohn, em 2010, Krenak afirma que optou por empreender uma “guerrilha cultural” e explica: “Isso significava me posicionar em um lugar estratégico, de onde eu pudesse me alimentar das rebeldias locais, de onde eu pudesse me municiar dos modelos locais para decidir como me inserir neste cenário”.

Em depoimento concedido em 1984 à *Lua Nova: Revista de Cultura e Política*, Krenak discute sobre o processo de organização da UNI. De acordo com o autor, inicialmente a organização foi administrada por uma diretoria composta por Marcos Terena como presidente, Álvaro Tukano como vice-presidente e Linho Miranha como secretário, configuração definida em assembleia ocorrida em 1981 com o intuito de encontrar meios para implantar efetivamente a UNI. Em 1982, houve uma outra reunião para ampliar as discussões sobre a temática, porém sem resultados notáveis já que o encontro foi boicotado pela Fundação Nacional do Índio (Funai). Sobre esta agência, em outra ocasião, Krenak afirma que

Era uma agência dirigida por generais e coronéis, e não tinha como prioridade a defesa dos direitos indígenas. Ela tinha a tutela dos índios. [...] A Funai estava no Ministério do Interior e a prioridade deles não era, de forma alguma, a proteção das terras indígenas. Era a sua redução. (Krenak, 2022, p. 45)

Entretanto, no ano seguinte, em nova assembleia, uma nova proposta de organização da UNI foi apresentada: a partir de então, ao invés de uma diretoria com poucas pessoas sendo responsáveis pela totalidade do funcionamento da organização, haveria uma Coordenadoria Nacional da União das Nações Indígenas. Deste modo, cada aldeia teria um representante que

levaria as reivindicações daquela comunidade ao coordenador regional e este as levaria à Coordenadoria Nacional.

Naquele contexto, a função desempenhada por Ailton Krenak no âmbito da UNI estava ligada à sua formação profissional enquanto produtor gráfico e jornalista. Neste sentido, atuava produzindo cartilhas, boletins, cartazes, fazendo a divulgação da UNI e estabelecendo relações públicas junto à imprensa e às autoridades para levar a eles as reivindicações e necessidades dos grupos indígenas. Ao longo da entrevista, Krenak destaca a relevância que teve Mário Juruna, indígena xavante inserido no Congresso Nacional, no sentido de introduzir discussões, naquele espaço, voltadas para o reconhecimento da existência dos povos indígenas e para a garantia de seus direitos. Destaca, também, a importância da UNI para sua vida assim como atesta o seu intento pela resistência:

Meu trabalho junto à União das Nações Indígenas (UNI) é a minha vida. Porque minha vida só terá sentido na medida em que eu puder resgatar uma identidade. O que é isso? É afirmar a existência e o direito à existência dos índios no Brasil. É construir um Brasil onde todos possam ter seus direitos garantidos na prática e não só no papel. Eu não consigo me imaginar vivendo passivo diante de crimes como esses que a gente está vendo acontecer a toda hora: assassinatos, invasões de aldeias, repressão armada. (Krenak, 2015, p. 22).

Deste modo, Ailton Krenak, no contexto de formação do Movimento Indígena Brasileiro, assume um papel que se enquadra na descrição feita por João Pacheco de Oliveira (2021, p. 11) ao afirmar que, naquele cenário, mediante as entrevistas e registros jornalísticos concedidos para os meios de comunicação, alguns indígenas passaram a figurar como “portavozes autorizados das demandas indígenas” assumindo a forma de personalidades públicas, ponto de suma relevância para entendermos a construção de Krenak como intelectual e ativista político.

A União das Nações Indígenas existiu até a elaboração da Constituição da República Federativa do Brasil de 1988. Porém, antes disso, em 1985, Ailton Krenak fundou o Núcleo de Cultura Indígena, na Serra do Cipó, em Minas Gerais e, entre 1986-87, participou ativamente dos debates da Assembleia Nacional Constituinte que levaram à elaboração da Constituição Federal brasileira de 1988 na qual constam os artigos 231 e 232 que versam sobre a garantia dos direitos originários, incluindo demarcação terras e direito à diferença.



Ailton Krenak durante a Assembleia Nacional Constituinte (1987) pintando o rosto de preto em sinal de guerra e luto. Fonte: Reprodução online – Google

Aquele foi um período em que os diferentes povos originários brasileiros reivindicavam por um marco histórico decisivo na História do Brasil para o qual a atuação de Ailton Krenak teve relevantes contribuições. Em entrevista presente na obra *8 Reações para o Depois (2019)*, Krenak apresenta alguns aspectos positivos derivados da Carta Magna promulgada no final da década de 1980. Segundo ele,

A constituição de 1988 significou a afirmação do nosso confronto à lógica do colonialismo, impregnada no Estado Brasileiro. Conseguimos imprimir no debate da Constituinte pelo menos um princípio: de que os povos eram reconhecidos como formas de organizações próprias e com a garantia dos direitos de reproduzir essas formas de organização própria. A inscrição desses termos na Constituição foi arrancada com muita luta, com mobilização ampla de diferentes segmentos da nossa sociedade. Conseguimos imprimir na Constituição aquele princípio geral, que põe uma linha no tempo no que poderíamos considerar o primeiro marco descolonizador do pensamento jurídico constitucionalista brasileiro – desde sua origem mobilizado para negar nossos direitos. (Krenak, 2019, p. 4).

Entretanto, no livro *Lugares de Origem (2022)*, Ailton Krenak destaca que, no âmbito das discussões da Constituinte, não tinha consciência da importância histórica de sua atuação. Segundo o autor,

Eu não tinha uma compreensão tão ampla do processo que a gente estava vivendo naquela época. Dez anos, 20 anos depois é que eu fui descobrir passos que nós demos ali no debate da Constituinte que foram importantes, e continuam sendo importantes, nas políticas públicas do nosso país e na implementação de novos direitos. (Campos; Krenak, 2022, p. 15)

No ano seguinte, Krenak participou, em parceria com Chico Mendes, da Aliança dos Povos da Floresta: aliança estabelecida entre povos indígenas e seringueiros com o intuito de “estabelecer reservas naturais na Amazônia, onde fosse possível a subsistência econômica por meio da extração de produtos naturais” (Lima Neto, 2022, p. 22). Para além disso, esta aliança significou também um movimento de resistência à exploração exercida pelos patrões dos seringueiros tanto em relação ao trabalho quanto à natureza, bem como no que diz respeito à violência empreendida contra os povos originários situados na região do Acre em termos de invasões de terras e trabalho forçado.

Em entrevista de 1989 concedida a Beto Ricardo e André Vilas Boas, disponível no já mencionado livro *Encontros: Ailton Krenak (2015)*³, Krenak destaca que a proposta de uma Aliança dos Povos da Floresta possibilitaria uma compreensão sobre a natureza enquanto lugar comum para estes povos e que, deste modo, as diferentes populações nela inseridas poderiam cooperar no sentido de sua preservação, de combate à violência, de convivências pacíficas e de trocas mútuas que favorecessem as partes envolvidas, inclusive em aspectos econômicos.

Na entrevista, em alguns momentos, os entrevistadores parecem tentar colocar o entrevistado em uma posição desconfortável, sugerindo que os povos indígenas poderiam estar sendo ingênuos ou retóricos ao firmar acordos com grupos com os quais mantinham relações conflituosas no passado. No entanto, é notável a eloquência de Ailton Krenak ao responder enfaticamente às questões levantadas. Em uma das perguntas, um entrevistador questiona: “Você não acha que esse processo de atualização pode acabar resultando numa perda de identidade, de tradicionalismo desses grupos? Como é que se encaixa com a ideia, você fala de atualização e ao mesmo tempo de reforçar mecanismos tradicionais, não há uma contradição?”. Krenak, em contrapartida, responde afirmando que

Não, não é uma contradição porque se, por exemplo, você possibilita que uma comunidade indígena que hoje tem a economia dela baseada na extração de seringa, que vende a matéria bruta no mercado regional, se ele puder daqui a cinco anos ter umas 20 miniusinas onde ele vende a borracha laminada e não mais bruta, ele fez uma atualização tecnológica, mas ele vai continuar tendo a mesma cultura dele, o mesmo habitat dele e, muito provavelmente, vivendo com muito mais segurança, porque ele não vai estar mais tangido pela miséria, pela dificuldade de relação com o mercado, com as outras forças políticas regionais. [...]. (Krenak, 2015, p. 59).

³ A obra *Encontros: Ailton Krenak (2015)*, organizada por Sérgio Cohn, reúne falas, entrevistas e reflexões do pensador e líder indígena Ailton Krenak, registradas entre as décadas de 1980 e 2015. Publicado pela Azougue Editorial, o livro oferece um panorama da trajetória intelectual e política de Krenak. Trata-se do primeiro volume da coleção *Encontros* dedicado a uma voz indígena, marcando um importante reconhecimento do saber ameríndio no campo das ideias e da cultura.

O viés desta pergunta, intencional ou não, acaba por corroborar para a reprodução de uma mentalidade estereotipada, de cunho colonial, que lança mão de uma visão engessada segundo a qual os povos indígenas têm apenas um modo de viver e de expressar suas culturas. De acordo com a visão folclórica e exótica expressa na questão direcionada a Krenak, os indígenas em contato com novas tecnologias, com outras culturas e espaços sociais para além de suas comunidades, perderiam gradativamente suas identidades e, portanto, deixariam de ser indígenas. Esta concepção está diretamente relacionada às perspectivas de integração, assimilação e aculturação que, durante muito tempo, especialmente a partir das políticas indigenistas iniciadas no século XVIII, fizeram parte da história brasileira e dos objetivos voltados para estas populações. Em contrapartida, Maria Regina Celestino de Almeida (2010), ao discutir a cultura como um produto histórico dinâmico, afirma que

A compreensão da cultura como produto histórico, dinâmico e flexível, formado pela articulação contínua entre tradições e novas experiências dos homens que a vivenciam, permite perceber a mudança cultural não apenas enquanto perda ou esvaziamento de uma cultura dita autêntica, mas em termos do seu dinamismo, mesmo em situações de contato extremamente violentas como foi o caso dos índios e dos colonizadores. (Almeida, 2010, p. 22).

Em contrapartida, a resposta de Ailton Krenak direciona-se a um sentido oposto, indo de encontro àquela mentalidade e confrontando-a, trazendo para o campo das discussões o fato de que os povos indígenas, suas identidades e culturas não se dissolvem a partir da interação com outros modos de estar no mundo. Onde estiverem, permanecerão sendo povos originários. Deste modo, o posicionamento de Krenak evidencia a perspectiva apresentada pela autora acima mencionada no que diz respeito ao dinamismo e à flexibilidade dos povos indígenas em buscar meios de resistir e dar novos sentidos à realidade que os cerca ao invés de serem esvaziados no sentido de perda de suas identidades.

Com base nisso, consideramos relevante destacar a concepção de cultura empregada por Ailton Krenak. O líder indígena e ambientalista pensa a cultura como um modelo imprevisível que pode manifestar-se nos mais variados espaços, inclusive entre aqueles social, cultural e politicamente marginalizados. Ou como “uma onda do mar” já que, no âmbito da cultura, “há momentos de grandeza, visível para todo mundo, e depois parece que há um mergulho em si mesma.” (Krenak, 2010, p. 1). Krenak enxerga, portanto, a cultura não apenas do ponto de vista expressivo e criativo, mas também como ideologia à medida em que, a partir dos modelos coloniais e eurocêntricos, ocorre a sobreposição de uma cultura sobre as demais.

Desta forma, assim como Aníbal Quijano (2005) contesta o enraizamento e a perpetuação da mentalidade colonial eurocêntrica por meio dos conceitos de colonialidade do poder e colonialidade do saber, Krenak critica a continuidade de padrões comportamentais através do conceito de monocultura que pressupõe a sobreposição de uma única narrativa, homogênea e excludente. Na obra *Lugares de Origem* (2022), derivada de entrevistas realizadas com o historiador Yussef Campos, Ailton Krenak apresenta uma definição de tal conceito. Segundo o autor,

Monocultura não se refere apenas à nossa forma de produção; monocultura é também aquilo que se reflete na nossa maneira de estar no mundo e de pensar o mundo. Por isso que tem sentido a possibilidade de reclamar outros mundos. Reclamar outros mundos é se insubordinar com a lógica monolítica de um mundo só. (Campos; Krenak, 2022, p. 69).

Krenak enfatiza, ainda, seu posicionamento em relação ao sistema capitalista, diretamente ligado à lógica da monocultura. Para ele, é necessário “lutar contra essa crescente necrose que o capitalismo representa e que está invadindo as nossas subjetividades” (Campos; Krenak, 2022, p. 60). De modo semelhante, enfatizando a diversidade existente nas culturas indígenas e afrobrasileiras, em sua obra intitulada *Futuro ancestral* (2022), o autor afirma que

Os orixás, assim como os ancestrais indígenas e de outras tradições, instituíram mundos onde a gente pudesse experimentar a vida, cantar e dançar, mas parece que a vontade do capitalismo é empobrecer a existência. O capitalismo quer um mundo triste e monótono em que operamos como robôs, e não podemos aceitar isso. (Krenak, 2022, p. 38).

Na última obra citada, Ailton Krenak, tendo como suporte as reflexões de Nêgo Bispo⁴ através do conceito de *confluências*, destaca que “temos que nos insurgir” ao invés de “fazer coro com o discurso colonial” haja vista que “se o colonialismo nos causou um dano quase irreparável foi o de afirmar que somos todos iguais” (Krenak, 2022, p. 42). Com isso, é possível observar o apelo à resistência, ao combate às limitações e padronizações – impostas pelas epistemes colonizadora e capitalista – frequentemente presente nas reflexões do autor, bem como sua defesa e valorização da diversidade étnico-cultural, da pluralidade de visões e de concepções acerca do mundo.

Outro aspecto importante do trajeto político e intelectual de Krenak que nos ajuda a entender melhor como seu ativismo contribui para romper com as visões tradicionais em relação

⁴ Nêgo Bispo foi um pensador, agricultor, escritor e líder quilombola brasileiro, nascido no Piauí. Que ao longo de sua vida obteve destaque por sua atuação no movimento quilombola nacional. Foi um importante porta-voz na defesa dos saberes e modos de vida das comunidades negras rurais. Assim como Krenak, Nêgo Bispo tecia críticas frequentes ao colonialismo e às formas ocidentais de conhecimento, propondo uma "descolonização dos saberes".

aos povos indígenas é sua atuação no campo jornalístico onde apresentou o “Programa de Índio”, entre 1985-90, na Rádio USP e em 1998 apresentou a coletânea “Índios no Brasil” para a TV Escola. No mesmo ano, Krenak participou, ao lado da União das Nações Indígenas (UNI), da criação do Festival de Dança e Cultura realizado na Serra do Cipó, em Minas Gerais, evento que “integra os povos indígenas brasileiros que seguem resistindo aos massacres que tiveram início no período da colonização e que duram até hoje.” (Lima Neto, 2022, p. 22).

Já no século XXI, Ailton Krenak permanece atuando, com destaque, na luta pela defesa dos povos indígenas e da preservação ambiental tendo suas ações reconhecidas e premiadas em diferentes ocasiões. Apesar de não ser filiado a partidos políticos, a partir de 2003, durante o governo de Aécio Neves em Minas Gerais, Krenak exerceu mandato de assessor para assuntos indígenas, atuando novamente como porta-voz entre as demandas dos povos indígenas e o Estado. Seu papel, que se estendeu até 2010, seria garantir a “inclusão social” dos povos indígenas que ainda existiam no Estado com o objetivo de “trabalhar para que em Minas sejam respeitados os direitos humanos e sociais dos índios” (Krenak, 2015, p. 215). E, em 2005, foi coautor da proposta da Unesco para a criação da Reserva da Biosfera da Serra do Espinhaço, localizada em Minas Gerais.

Desta maneira, consideramos relevante destacar a compreensão de Ailton Krenak em relação à composição de uma comunidade. Para ele, uma comunidade é composta muito mais pela cumplicidade de propósitos que une seus membros do que propriamente pela sua base territorial. Por esta razão, são recorrentes em suas reivindicações o convite à valorização das subjetividades, das múltiplas formas de existir e das diferentes maneiras de compreender e se relacionar com o outro e com a natureza visando, deste modo, combater a ideia de uma única narrativa correta e de um único jeito de estar ligado ao todo. Assim como são recorrentes os seus alertas quanto ao modo como temos depredado o planeta em prol dos nossos desejos insaciáveis de consumo e riqueza, convidando-nos a reflexões sobre mudanças de comportamento necessárias para a garantia da continuidade da nossa existência.

Diante do exposto, é possível constatar que Ailton Krenak reveste-se dos descontentamentos e dificuldades observados nas comunidades visitadas para se engajar nas reivindicações por respeito às suas identidades, bem como pela garantia do atendimento de suas necessidades coletivas. É, portanto, um engajamento representativo que reivindica pela coletividade dos excluídos e negligenciados. Além disso, o ativismo político e intelectual de Krenak, sobretudo em espaços conservadores ou reacionários, intensifica e amplia o alcance de suas ideias favorecendo escutas que podem ser incômodas em espaços onde predominam os padrões eurocêntricos de intelectualidade. Desse modo, Krenak demonstra que os saberes

tradicionais possuem tanta relevância quanto os saberes acadêmicos e, assim, contribui para contestar as hierarquias do conhecimento.

2.2 A ATUAÇÃO DE AILTON KRENAK ENQUANTO INTELLECTUAL E AMBIENTALISTA

Para além de suas contribuições no cenário político, nas últimas décadas Ailton Krenak tem se destacado também no cenário intelectual tanto por meio de seus livros publicados quanto por sua presença recorrente em eventos e, ainda, pelo riquíssimo acervo digital existente sobre o autor em plataformas como o *Youtube*, onde podem ser encontrados uma grande diversidade de materiais audiovisuais com a participação do ativista e líder indígena.

Suas discussões também podem ser encontradas no site da *Biblioteca do Ailton Krenak*, “um espaço irreverente, que fala, e celebra o pensador indígena”. A biblioteca digital, cujo acervo reúne reflexões do autor produzidas a partir de 2012, derivou da iniciativa de voluntários de um grupo chamado “Selvagem – Ciclo de Estudos”, do qual Krenak faz parte desde 2018, e contribui para que suas concepções sejam divulgadas e possam chegar ao conhecimento de um número cada vez maior de pessoas.

Cláudia Alves, em artigo sobre as contribuições de Jean-François Sirinelli para a história dos intelectuais, apresenta-nos algumas das categorias de análise utilizadas pelo mencionado historiador francês, entre elas as categorias geração e engajamento político. De acordo com a autora, “quando falamos de geração, estamos nos referindo a um grupo recortado, circunscrito, dentro do conjunto da população de uma mesma faixa etária” (Alves, 2019, p.10). Podemos, portanto, pensar este conceito como indicativo do contexto e das influências que fomentam a formação dos sujeitos considerados intelectuais. No caso de Ailton Krenak, Eduardo Viveiros de Castro, no prefácio da obra *Encontros: Ailton Krenak (2015)*, destaca que

Ailton pertence, como Davi Kopenawa, à primeira (ou talvez segunda, após Mário Juruna, Raoni, Ângelo Cretã, Marçal de Souza) geração de índios supostamente “aculturados” que se tornaram vetores de indigenização da política nacional, antes que de abasileiramento dos índios, e que se reaproximaram de sua indianidade de modo simultaneamente intelectual e existencial. (Krenak, 2015, p. 12)

Neste sentido, podemos dizer que fazem parte da geração de Ailton Krenak personalidades como Marcos Terena, Domingos Veríssimo, Álvaro Tukano, Idjahuri Karajá, Daniel Kabixi, Nelson Xangrê, entre muitas outras que dedicaram suas vidas à preservação de

suas tradições e ancestralidades. Ao falar sobre sua geração, em entrevista presente na obra *8 Reações para o Depois (2019)*, Krenak faz a seguinte afirmação:

A minha geração foi espontânea no sentido de confrontar essa ideia de que nós, índios, tínhamos acabado e que a ideia colonialista tinha sido vitoriosa. [...] A minha geração contestou a ação imediata do Estado de estrangulamento das nossas vidas, de confinamento das nossas famílias em reservas e da naturalização da ideia de que índios vivem em reservas. [...] Nossa geração foi estranhada por ter levantado a ideia do movimento indígena e por criar uma primeira movimentação, chamada União das Nações Indígenas (UNI). (Krenak, 2019, p. 3-4)

Cláudia Alves (2019) apresenta duas definições do termo “intelectual” com base nas proposições de Sirinelli. A primeira definição compreende um caráter amplo no sentido de que abarca todos os sujeitos que contribuem para as produções escritas, desde os autores aos mediadores. A segunda, de caráter mais restrito, corresponde ao engajamento na “*Cité*”, que diz respeito à atuação dos sujeitos no âmbito da coletividade buscando contribuir, por meio de suas intervenções, para a condução da política. Deste modo, a autora apresenta o engajamento político como uma construção histórica que caracteriza e diferencia o intelectual sendo, portanto, um aspecto de sua personalidade.

Em virtude disso, podemos compreender Ailton Krenak como intelectual que mescla as duas definições de intelectualidade propostas por Sirinelli: é tanto um sujeito envolvido no processo de criação intelectual por meio da escrita, como um sujeito engajado nas causas coletivas buscando contribuir para a conscientização e para melhorias, inclusive no que diz respeito à política, que beneficiem à sociedade como um todo. Assim, Krenak pode ser compreendido como um intelectual que se caracteriza pela valorização da ancestralidade indígena, pela preservação da natureza, pela contestação das formas tradicionais de segregação das minorias. Seu engajamento político e intelectual nas causas ambientalistas e indígenas são elementos que o caracterizam e que lhe atribuem representatividade.

No tocante à segregação de minorias e às motivações para tal prática, Krenak afirma em palestra transcrita no livro *Lugares de Origem (2022)* que para além dos aspectos étnicos, é algo que “está relacionado com os modos de vida que foram, de alguma maneira, persistentes no tempo, que não foram capturados pelo mercado” (Campos; Krenak, 2022, p. 71). Em outras palavras, podemos compreender como uma evidente perseguição àqueles que se recusam a se desprenderem das suas identidades, das suas especificidades culturais em prol das lógicas consumista e, conseqüentemente, exploratória típicas tanto do sistema colonial quanto do sistema capitalista. Neste sentido, a persistência evidencia o caráter de resistência destas

minorias que permanecem buscando formas de assegurar a manutenção dos seus modos próprios de existência e, por esta razão, são constantemente hostilizados, atacados e invisibilizados.

Em entrevista para a coletânea *Vozes indígenas na saúde: trajetórias, memórias e protagonismos* (2022), ao falar sobre os trâmites que levaram à Constituição de 1988, marcada por uma participação expressiva do movimento indígena, e evidenciando suas visões sobre aqueles acontecimentos, Ailton Krenak destaca a relevância que teve o aspecto da representatividade para sua participação improvisada nos debates do ano anterior. Nas palavras do autor: “eu só entrei lá e fiz aquilo porque estava revestido do meu super escudo de representação popular, que me deu uma autoridade, um sentimento de legitimidade, de estar ali falando em nome do interesse comum. Isso me empoderou de verdade.” (Krenak, 2022, p. 49).

De modo semelhante, no que diz respeito à questão da visibilidade referente aos povos indígenas, em entrevista concedida para Adriano de Lavor Moreira, Krenak discute sobre as contribuições das novas tecnologias de comunicação no sentido de dar margem para a inserção destes em diferentes espaços, mas sobretudo na política. Com base nisso, Krenak afirma que a visibilidade social voltada para os povos originários é uma forma de garantir a sobrevivência desses grupos e que ela “é maior nos momentos de decisão, nos momentos em que você tem que confrontar o que sobra e o que fica” (Moreira, 2022, p. 9).

Ao longo da entrevista, o líder indígena destaca que “ser índio deixou de ser sinônimo de escondido no mato” e, em contrapartida, afirma: “Nós estamos cada vez mais visíveis” (Moreira, 2022, p. 5-6). Com isso, Krenak retoma a discussão sobre o fato de que os indígenas não perdem suas identidades e culturas por estarem inseridos em outros contextos para além das florestas. Neste sentido, podemos considerar que Ailton Krenak contribui para dar visibilidade aos povos indígenas através das discussões por ele levantadas quando de sua participação em diferentes meios de comunicação como programas de televisão, entrevistas, palestras, perfis nas redes sociais e, ainda, por meio de suas obras.

Em 2015, após o rompimento da Barragem do Fundão, em Mariana (MG), a região onde os Krenak vivem foi assolada pelos rejeitos derivados da atividade mineradora da Samarco afetando diretamente a vida e a ancestralidade dos sujeitos que compõem aquela comunidade uma vez que o rio Doce, que para os Krenak é o *Watu*, seu avô, foi contaminado pelos resíduos tóxicos e pela lama de tal modo que ficou “em coma” em decorrência de tamanha agressão, de acordo com Ailton Krenak. Yussef Campos, no livro *Lugares de Origem* (2022), afirma que

O Watu é parte da vida dos Krenak. De seus ritos. De sua alimentação. De sua agricultura. De sua higiene. Ele agora luta para sobreviver, pois a busca incessante pelo lucro não permite ao ser humano conter sua sanha por mais riqueza. (Campos; Krenak, 2022, p. 100).

Neste sentido, Krenak apresenta diversas denúncias que apontam as consequências derivadas da nossa forma de nos relacionar com a Natureza. Segundo o autor, no contexto no qual estamos inseridos – o capitaloceno –, onde as ações são movidas por interesses políticos e econômicos, “não restará nenhum lugar da Terra que não seja como o corpo desse rio, assolado pela lama.” (Krenak, 2022, p. 36). Consciente de que tudo o que existe é Natureza e de que corpo humano e demais organismos existentes são inseparáveis, Krenak contesta a mentalidade ocidental que pressupõe a excepcionalidade dos humanos em relação aos demais seres e ao planeta como um todo. Para o autor, “temos que reflorestar o nosso imaginário” (Krenak, 2022, p. 71) para que possamos viabilizar existências mais harmonizadas com a Natureza.

Gayatri Spivak em *Pode o subalterno falar?* (2010) discute acerca da importância de conceder ao subalterno lugar de fala e de autorrepresentação à medida em que critica o modo como intelectuais revestidos do etnocentrismo europeu têm silenciado o sujeito marginalizado – seja pelas relações coloniais, pelos arranjos pós-coloniais, capitalistas ou pela historiografia tradicional – ao falar pelo Outro. Com base na crítica feita pela autora e no exposto sobre Ailton Krenak, podemos entendê-lo não apenas como intelectual e ativista político, mas como o subalterno que emerge como porta-voz e representante da alteridade marginalizada em espaços onde sua presença outrora fora negligenciada.

2.3 DA MARGEM AO CENTRO: REVERÊNCIAS A AILTON KRENAK

Devido a sua atuação em prol das causas socioambientais e como representante indígena, Ailton Krenak tornou-se conhecido nacional e internacionalmente. Neste sentido, à medida em que se movimenta enquanto ativista e intelectual, vem sendo homenageado e premiado em diferentes circunstâncias ao longo dos anos em “reconhecimento à sua trajetória e resistência” (Lima Neto, 2022, p. 24). Ainda na segunda metade do século XX, em 1989, Ailton Krenak recebeu o Prêmio Internacional de Direitos Humanos para a América Latina Letellier Moffite, conferido pela fundação norte-americana Lettelier, e o Prêmio Onassis – Homem e Sociedade, conferido pela Fundação Aristóteles Onassis, em Atenas.

Em 2008, o líder indígena e ambientalista recebeu a condecoração da Ordem do Mérito Cultural concedida em reconhecimento às suas contribuições para a cultura brasileira. Em 2016,

foi condecorado com o título de Professor Honoris Causa da Universidade Federal de Juiz de Fora. Em 2020, foi vencedor do prêmio, concedido pela União Brasileira de Escritores, “Juca Pato” na categoria “Intelectual do Ano”. Em 2022, foi homenageado pela Universidade de Brasília (UnB) com o título de “Doutor Honoris Causa” sendo o primeiro indígena a receber este reconhecimento pela instituição. No mesmo ano, venceu o prêmio “Faz Diferença”, conferido pelo Jornal O Globo, na categoria “País”. Na ocasião, Ailton Krenak afirmou: “Que bom que podemos nos encontrar para fazer festa, pois já fizemos muito luto.”.

Ainda em 2022, Krenak foi eleito para ocupar a cadeira 24 na Academia Mineira de Letras por seu destaque na arte e na literatura e recebeu da Família Real Holandesa o prêmio Prince Claus em sua primeira edição. Em 2023, foi eleito para ocupar a cadeira 5 da Academia Brasileira de Letras, sendo o primeiro indígena eleito para a ABL desde sua fundação, em 1897. Em um discurso permeado por reflexões sobre a variedade linguística brasileira, os reflexos da colonização e a atuação de intelectuais brasileiros ao longo dos séculos, entre outros temas, o autor afirmou

Eu não sou mais do que um, mas eu posso invocar uns 300. Nesse caso, 305 povos que nos últimos 30 anos do nosso país, passaram a ter a disposição de dizer, estou aqui! Sou Guarani, sou Xavante, sou Caiapó, sou Yanomami e sou Terena. E esse jogral, essa fala plural, ela só foi possível porque nós atravessamos uma linha vermelha que indicava, no final dos anos da ditadura, a disposição do Estado Brasileiro de emancipar os indígenas.

Este trecho evidencia o aspecto de que o autor se reconhece enquanto um sujeito coletivo, responsável por representar a pluralidade que compõe os povos originários e por buscar garantir que seus parentes e as demais minorias, não só Brasil, mas em todo o mundo, tenham subsídios para continuar existindo e tendo seus direitos assegurados.



Ailton Krenak em discurso de posse na Academia Brasileira de Letras. | Foto: Reprodução da internet.

Em 2024, Krenak recebeu o título de Cavaleiro da ordem Nacional da Legião de Honra da República Francesa por sua atuação em prol dos direitos indígenas e do cuidado ambiental. Durante a cerimônia, o embaixador francês Emmanuel Lenain afirmou que Ailton Krenak “não é apenas um grande representante indígena”, visto que “também é um intelectual do qual admiramos muito as obras artísticas e literárias”. No discurso que proferiu na ocasião, Krenak afirmou “A nossa espécie se tornou uma ameaça biológica para o planeta. Nós somos cerca de 8 bilhões de pessoas sapateando o planeta. Nós precisamos, pelo menos, sermos capazes de dançar ao invés de sapatear, de marchar”.

Em suma, fazemos coro à afirmação de Maria de Fátima Silveira ao dizer que

O intelectual indígena Ailton Krenak é uma das mais importantes lideranças do movimento indígena no Brasil e uma das vozes mais originais do presente. Sua atuação política e intelectual, no cenário local e internacional, vem contribuindo para dar visibilidade à história, à luta e ao pensamento dos povos indígenas situados no Brasil. (Silveira, 2021, p. 2)

Desse modo, os dados apontados corroboram com a perspectiva de que a atuação de Krenak, enquanto líder indígena, ambientalista e intelectual, contribui para que as visões perpetuadas pela historiografia tradicional sejam ressignificadas à luz de outras narrativas que levem em consideração, sobretudo, a diversidade de alteridades e relações mais harmoniosas com a natureza. No próximo capítulo, tendo como base obras do autor em estudo, buscamos identificar como suas falas e posicionamentos se contrapõem às visões tradicionais quanto à América e aos povos originários.

3. AILTON KRENAK E A CRÍTICA À RACIONALIDADE CIVILIZATÓRIA OCIDENTAL

Como escritor, Ailton Krenak tem adquirido significativo espaço e relevância no âmbito intelectual sendo autor de obras que apresentam de modo claro e provocativo sua visão filosófica e suas críticas em relação à herança colonial e ao sistema capitalista, assim como seu posicionamento de incentivo à uma mudança de perspectiva em relação à atuação humana sobre o planeta e à valorização da diversidade de subjetividades. Assumindo um tom poético e reflexivo, suas obras apresentam aos leitores uma variedade de possibilidades interpretativas.

Este capítulo se dedica especificamente à análise das obras *Ideias para adiar o fim do mundo* (2019), *A vida não é útil* (2020) e *Futuro ancestral* (2022), textos que derivam de palestras e entrevistas concedidas pelo autor. Consideramos que estes livros se complementam

no que diz respeito à continuidade dos posicionamentos de Krenak sobre temas fundamentais para a ressignificação das concepções acerca dos povos indígenas. Deste modo, nosso objetivo será identificar como as produções intelectuais de Ailton Krenak podem contribuir para contrapor visões pessimistas consolidadas pela historiografia em relação à América e aos ameríndios.

3.1 A INSURGÊNCIA DE AILTON KRENAK CONTRA A LÓGICA DO PROGRESSO E DA UTILIDADE

As obras de Ailton Krenak, propõem profundas críticas ao modelo civilizatório ocidental e à lógica utilitária que rege as relações humanas com a Terra no âmbito do capitalismo. Com perspectivas pautadas nos conhecimentos ancestrais indígenas, Krenak convoca o leitor a repensar o sentido da existência, a desconfiar das promessas do progresso e a escutar outras formas de vida e de sabedoria. Seus escritos entrelaçam pensamento filosófico, poético e político, oferecendo não apenas uma denúncia do colapso contemporâneo, mas também um convite à imaginação e construção de outros mundos possíveis.

Em *Ideias para adiar o fim do mundo* (2019), o autor problematiza a concepção predominante de humanidade que se consolidou desde a formação da sociedade brasileira e que pressupõe uma separação entre os seres humanos e a natureza. Nesse modelo, a humanidade se posiciona como superior às demais formas de vida e assume a prerrogativa de “civilizar” ou marginalizar aqueles que não se enquadram no paradigma dominante. Krenak evidencia que essa concepção legitima a exploração mercadológica e predatória do planeta, tratando-o como um recurso disponível para o uso humano.

A historiografia sobre os povos indígenas no Brasil, incluindo as contribuições de João Pacheco de Oliveira (2006), revela que, desde os primórdios da colonização, diferentes percepções sobre a humanidade dos povos originários coexistiam. A categorização desses grupos variava conforme as relações estabelecidas na colônia, sendo considerados humanos na medida em que fossem cristianizados, aldeados e, sobretudo, alinhados com os interesses coloniais. Aqueles que resistiam à moralidade imposta pelos europeus eram, por outro lado, classificados como selvagens e submetidos a políticas de combate e perseguição, justificadas pelas campanhas de “guerra justa”.

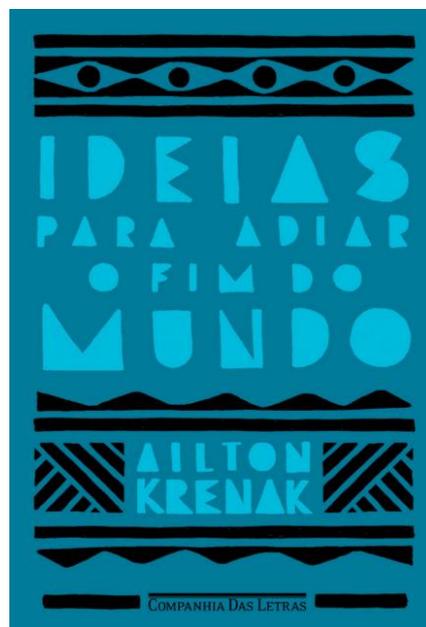
Esse processo de categorização integrava um esforço de homogeneização, no qual a diversidade deveria ser suprimida para que o modelo europeu de humanidade, considerado o único válido e aceitável, fosse adotado. Pacheco de Oliveira (2006) e Manuela Carneiro da

Cunha (1992) argumentam que tais concepções resultam da necessidade dos colonizadores de interpretar e enquadrar os indígenas dentro de sua própria matriz cultural, revelando mais sobre a mentalidade europeia do que propriamente sobre os povos originários. Além disso, essas leituras sobre a humanidade indígena serviram como base para a legitimação da ação colonial.

Para Ailton Krenak, tal concepção acerca da humanidade e do mundo como um todo resulta de uma construção histórica de modo que

Essa configuração mental é mais do que uma ideologia, é uma construção do imaginário coletivo — várias gerações se sucedendo, camadas de desejos, projeções, visões, períodos inteiros de ciclos de vida dos nossos ancestrais que herdamos e fomos burilando, retocando, até chegar à imagem com a qual nos sentimos identificados.” (Krenak, 2019, p. 29)

Assim, fundamentado em uma abordagem decolonial, o autor inicia suas provocações já nos títulos de suas obras, por meio dos quais contesta de forma incisiva e crítica a mentalidade eurocêntrica civilizatória. Segundo o autor, o título *Ideias para adiar o fim do mundo* parte da intenção de instigar o leitor a refletir sobre a iminência do fim e, mais do que isso, sobre formas de contribuir para que essa ocorrência seja postergada.



Capa do livro *Ideias para adiar o fim do mundo* (2019). Fonte: Google.

Conduzindo suas reflexões nesta direção, uma das críticas levantadas pelo autor diz respeito ao “mito da sustentabilidade” descrito como parte da estratégia das grandes corporações para justificar o “assalto que fazem à nossa ideia de natureza” (Krenak, 2019, p. 10).

O autor afirma que, embora se apresentem como defensoras da sustentabilidade, estas instituições, na verdade, atuam movidas pelos interesses capitalistas de exploração do planeta através de uma renovação dos ideais coloniais.

Além da denúncia feita contra tais organizações, a postura assumida pelo autor chama a atenção também para a alienação a que estamos submetidos enquanto humanidade à medida em que naturalizamos tal mito. Por esta razão, Krenak aponta a preservação da ancestralidade, enquanto elemento constitutivo das identidades, como uma das possibilidades de adiar a iminência do fim derivada da espoliação feita contra a natureza em nome do progresso pretendido pelas elites dominantes e da qual resultam muitas das desigualdades sociais existentes.

Considerando, portanto, aquela ideia de humanidade que vislumbra a homogeneização dos sujeitos e a utilização do planeta como recurso para obtenção de lucro em decorrência das quais muitos coletivos são retirados dos seus lugares de origem, o autor critica a marginalização dos povos e reflete:

Como justificar que somos uma humanidade se mais de 70% estão totalmente alienados do mínimo exercício de ser? A modernização jogou essa gente do campo e da floresta para viver em favelas e em periferias, para virar mão de obra em centros urbanos. Essas pessoas foram arrancadas de seus coletivos, de seus lugares de origem, e jogadas nesse liquidificador chamado humanidade. Se as pessoas não tiverem vínculos profundos com sua memória ancestral, com as referências que dão sustentação a uma identidade, vão ficar loucas neste mundo maluco que compartilhamos.” (Krenak, 2019, p. 9)

Além de reconhecer a ancestralidade como um caminho para a preservação ambiental, Krenak defende a valorização das diversas cosmovisões presentes nas narrativas de diferentes povos ao redor do mundo, pois elas representam formas distintas de existir e interagir com o ambiente. Dessa maneira, ao questionar a ideia de uma humanidade homogênea, Krenak destaca as diferenças na relação com a natureza entre aqueles que integram o chamado "clube da humanidade" e os que vivem em conexão direta com o meio natural, a sub-humanidade.

Enquanto o primeiro é caracterizado pelo distanciamento, os segundos relacionam-se íntima e respeitosamente, não apenas uns com os outros, mas também com os elementos da natureza. A respeito deste modo diferente de interagir com a natureza, o autor relata que

Assim como aquela senhora hopi que conversava com a pedra, sua irmã, tem um monte de gente que fala com montanhas. No Equador, na Colômbia, em algumas dessas regiões dos Andes, você encontra lugares onde as montanhas formam casais. Tem mãe, pai, filho, tem uma família de montanhas que troca afeto, faz trocas. E as pessoas que vivem nesses vales fazem festas para essas

montanhas, dão comida, dão presentes, ganham presentes das montanhas. Por que essas narrativas não nos entusiasмам? Por que elas vão sendo esquecidas e apagadas em favor de uma narrativa globalizante, superficial, que quer contar a mesma história para a gente? (Krenak, 2019, p. 10)

Com este posicionamento, Krenak contesta a lógica da dominação “civilizatória” que atualmente se manifesta especialmente por meio das “corporações espertalhonas” uma vez que elas pressupõem a interrupção do vínculo dos sujeitos com a Terra e a supressão das alteridades. É neste sentido que a escolha do título da obra é justificada pelo autor já que sua intencionalidade é instigar a preservação e continuidade dos saberes ancestrais através das narrativas, das “memórias de origem”. Segundo o autor, o fim do mundo é adiado quando as histórias podem ser contadas e, conseqüentemente, quando a memória permanece viva fornecendo subsídios para a esperança. Sendo assim, Krenak explica:

Vi as diferentes manobras que os nossos antepassados fizeram e me alimentei delas, da criatividade e da poesia que inspirou a resistência desses povos. A civilização chamava aquela gente de bárbaros e imprimiu uma guerra sem fim contra eles, com o objetivo de transformá-los em civilizados que poderiam integrar o clube da humanidade. Muitas dessas pessoas não são indivíduos, mas “pessoas coletivas”, células que conseguem transmitir através do tempo suas visões sobre o mundo. [...] Quantos perceberam que essas estratégias só tinham como propósito adiar o fim do mundo? Eu não inventei isso, mas me alimento da resistência continuada desses povos, que guardam a memória profunda da terra [...] (Krenak, 2019, p. 14)

Outro elemento destacado pelo autor como mecanismo para “adiar o fim do mundo” é a valorização das subjetividades através da recusa da noção de que somos todos iguais. Segundo o autor, as subjetividades também são alvo do interesse da humanidade consumista e homogeneizadora uma vez que sem elas, os sujeitos são esvaziados. Em decorrência disso, sugere que sejamos “capazes de manter nossas subjetividades, nossas visões, nossas poéticas sobre a existência” (Krenak, 2019, p. 15-16) visto que “Definitivamente não somos iguais, e é maravilhoso saber que cada um de nós que está aqui é diferente do outro, como constelações.” (Krenak, 2019, p. 16).

Na obra, Ailton Krenak menciona as tensões históricas em relação às terras indígenas que se perpetuam desde o período colonial até os dias atuais. Acerca disso, Manuela Carneiro da Cunha (1987) afirma que tanto a legislação colonial quanto a posterior legislação brasileira reconhecem o direito originário dos povos indígenas à terra e que “Todas as Constituições brasileiras, desde a de 1934, garantem aos índios a posse das terras que ocupam.” (Cunha, 1987, p. 11-12). Entretanto, a autora destaca que, no Brasil, entre a legislação e a prática geralmente existe um abismo que consiste no fato de que esses direitos teoricamente assegurados se

refletiram de modo contrário na prática já que “Apesar da legislação favorável, os índios foram, ao longo de séculos, escravizados, mortos e espoliados de suas terras.” (Cunha, 1987, p. 12).

Embora a atual Constituição Federal brasileira, promulgada em 1988, tenha representado um marco na questão das terras indígenas no Brasil à medida em que assegura, no artigo 231 do capítulo “Dos Índios”, o direito originário destes sobre suas terras, a atualidade desta discussão se expressa através do Projeto de Lei nº 2.903/2023 que versa sobre o Marco Temporal. Conforme este projeto, os povos indígenas teriam direito apenas às terras por eles ocupadas quando a Constituição foi promulgada, em cinco de outubro de 1998. Esta tese, que se configura como inconstitucional, reflete não apenas os interesses de setores das elites dominantes – especialmente do agronegócio – e os conflitos entre eles e as comunidades indígenas, como também evidencia resquícios da herança colonial ainda presentes na sociedade brasileira. Neste sentido, Ailton Krenak esclarece que esta continuidade se dá pelo fato de que

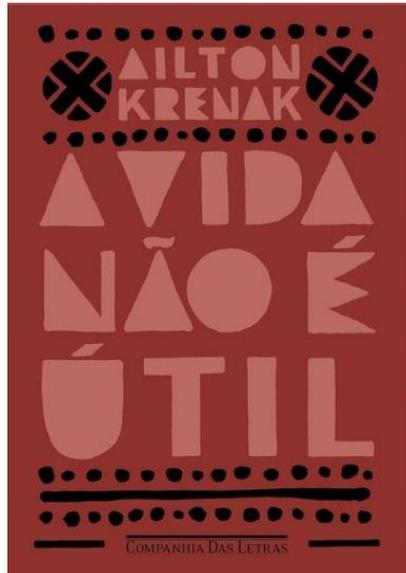
O que está na base da história do nosso país, que continua a ser incapaz de acolher os seus habitantes originais — sempre recorrendo a práticas desumanas para promover mudanças em formas de vida que essas populações conseguiram manter por muito tempo, mesmo sob o ataque feroz das forças coloniais, que até hoje sobrevivem na mentalidade cotidiana de muitos brasileiros —, é a ideia de que os índios deveriam estar contribuindo para o sucesso de um projeto de exaustão da natureza.” (Krenak, 2019, p. 21)

Este “projeto de exaustão da natureza” refere-se aos mecanismos de exploração que ocorre de diferentes maneiras e tem impactos visíveis em relação ao planeta que se expressam por meio das mudanças climáticas. Quanto a isso, Krenak enfatiza, repetidamente, sobre a necessidade de cooperação entre os povos por meio de uma mudança radical de mentalidades e de hábitos para mitigar os efeitos danosos do Antropoceno. Tomando como base sua trajetória pessoal, o autor destaca que

O que aprendi ao longo dessas décadas [de atuação em defesa dos povos indígenas e de seus territórios] é que todos precisam despertar, porque, se durante um tempo éramos nós, os povos indígenas, que estávamos ameaçados de ruptura ou da extinção dos sentidos das nossas vidas, hoje estamos todos diante da iminência de a Terra não suportar a nossa demanda. (Krenak, 2019, p. 23)

Em *A vida não é útil* (2020), publicado durante a pandemia, Ailton Krenak mantém sua visão crítica sobre a ideia de humanidade já discutida em *Ideias para adiar o fim do mundo*. O autor questiona o modelo capitalista de produção e consumo, além de denunciar o impacto negativo do agronegócio e das mineradoras para o meio ambiente, responsáveis pelo que ele chama de "esquartejamento da Terra" (Krenak, 2020, p. 15). Nesse contexto, Krenak reflete

sobre a marginalização dos chamados sub-humanos — aqueles que se recusam a participar da destruição do planeta em nome do progresso — e sobre a vulnerabilidade humana diante da ameaça representada pelo vírus da Covid-19, apesar dos avanços tecnológicos sofisticados desenvolvidos pela sociedade.



Capa do livro *A vida não é útil* (2020). Fonte: Google

O autor chama a atenção para o fato de que, mesmo presumindo ser superiores às demais formas de vida existentes no planeta, os seres humanos também são mortais e conforme dilaceram a natureza mitigam as condições necessárias para a manutenção das próprias vidas. Krenak problematiza a concepção vigente, à época, de que as reclusões e paralisações durante o período de quarentena prejudicariam de modo drástico a economia do país dando a ela um grau de relevância maior do que à vida. Com isso, afirmou que “Pode ser uma ficção afirmar que se a economia não estiver funcionando plenamente nós morreremos” isso porque “ninguém come dinheiro” (Krenak, 2020, p. 15).

Além disso, Krenak destaca que a pandemia nivelou ricos e pobres, pois, assim como os mais vulneráveis poderiam perder a vida ao serem contaminados pelo vírus, os muito ricos, mesmo com acesso aos melhores tratamentos disponíveis, também enfrentavam esse risco. Segundo o autor, essa realidade expôs a fragilidade humana diante da natureza, demonstrando que, apesar dos avanços científicos e tecnológicos, ninguém estava completamente protegido.

Ao tratar sobre a lógica do progresso, Krenak denuncia que este historicamente deriva da destruição da diversidade de modos de vida em conjunto com a degradação ambiental, configurando-se, portanto, como algo nocivo já que a busca incansável do homem por

desenvolvimento material, econômico e tecnológico tem como consequência a desconexão com a Terra e com os sentidos mais profundos da vida. Ademais, essa concepção de progresso associada à noção de humanidade homogênea e superior corroboram para a exclusão de diversos povos e culturas categorizando-os como inferiores ou atrasados.

Em contrapartida, ao falar sobre o modo como os povos originários se relacionam com a natureza, Krenak afirma que estes compreendem as florestas “como entidades, vastos organismos vivos” (Krenak, 2020, p. 29) com os quais compartilham traços comuns. Essa ligação entre os sujeitos e as florestas é pensada pelo autor como alternativa para reverter os danos causados ao planeta assim como para uma reconfiguração dos modos de vida já que “Essa gente é a cura para a febre do planeta, e acredito que podem nos contagiar positivamente com uma percepção diferente da vida.” (Krenak, 2020, p. 38).

Dessa forma, Krenak contrapõe duas maneiras distintas de perceber e se relacionar com a natureza, destacando a urgência de uma mudança de postura. Ele alerta que “Temos que parar de nos desenvolver e começar a nos envolver.” (Krenak, 2020, p. 13), reforçando a necessidade de engajamento coletivo para alcançar transformações significativas na preservação ambiental. O autor argumenta que ampliar o número de pessoas comprometidas com essa causa é essencial, pois ações individuais isoladas não serão suficientes para conter a degradação do planeta. Para que essa mudança aconteça, ele enfatiza a importância de uma tomada de consciência, pontuando: “Trata-se de uma provocação acerca do egoísmo: eu não vou me salvar sozinho de nada, estamos todos enrascados. E, quando eu percebo que sozinho não faço a diferença, me abro para outras perspectivas.” (Krenak, 2020, p. 56).

Tanto em *Ideias para adiar o fim do mundo* quanto em *A vida não é útil*, Krenak aborda a respeito do ato de sonhar enquanto mecanismo de orientação da vida e das escolhas feitas no cotidiano através do qual “as pessoas aprendem diferentes linguagens, se apropriam de recursos para dar conta de si e do seu entorno.” (Krenak, 2020, p.19). Assim, o sonho passa a representar a esperança em realidades possíveis. Por outro lado, o autor destaca que o sonho também pode ser entendido como elemento característico das subjetividades dos povos de diferentes culturas de modo que se constitui como

[...] um lugar, uma prática que é percebida em diferentes culturas, em diferentes povos, de reconhecer essa instituição do sonho não como experiência cotidiana de dormir e sonhar, mas como exercício disciplinado de buscar no sonho as orientações para as nossas escolhas do dia a dia. (Krenak, 2019, p. 25)

Ailton Krenak critica a cultura do consumo profundamente enraizada na sociedade, apontando que, mesmo diante dos alertas sobre os impactos negativos do consumismo, a lógica capitalista continua a se reinventar criando constantemente novos produtos que rapidamente se transformam em objetos de desejo independentemente de sua real necessidade. Ele observa que “Nós sabemos que precisamos renunciar às coisas que estão estragando a nossa vida no planeta, o problema é que as pessoas querem renunciar a elas por outras coisas mais novas e bonitas.” (Krenak, 2020, p. 33).

Com essa perspectiva, Krenak argumenta que a humanidade representa uma força destrutiva ainda maior do que o próprio coronavírus, devido ao seu impacto avassalador sobre o planeta. Ele expressa essa ideia de forma contundente ao afirmar: “Somos nós a praga que veio devorar o mundo.” (Krenak, 2020, p. 34). Essa crítica se direciona especialmente aos detentores do poder, que, segundo ele, continuam a perpetuar a lógica da invasão colonial reforçando ciclos de exploração e degradação ambiental.

Ao longo do livro, o autor retoma muitas das discussões presentes em *Ideias para adiar o fim do mundo*, incluindo a discussão acerca da noção de humanidade e sobre a atuação predatória dos seres humanos sobre a natureza. Krenak evidencia que não se sente identificado com a humanidade que pensamos ser, mas excluído dela. A causa disso seria o fato de que

Desde pequenos, aprendemos que há listas de espécies em extinção. Enquanto essas listas aumentam, os humanos proliferam, destruindo florestas, rios e animais. Somos piores que a covid-19. Esse pacote chamado de humanidade vai sendo descolado de maneira absoluta desse organismo que é a Terra, vivendo numa abstração civilizatória que suprime a diversidade, nega a pluralidade das formas de vida, de existência e de hábitos. (Krenak, 2020, p. 44)

Entretanto, de modo específico, na obra em questão o autor enfatiza a experiência pandêmica como um sinal de alerta emitido pela Terra para informar ao homem sobre a necessidade de desacelerar, de ficar em silêncio e de mudar seu comportamento a fim de entender o verdadeiro sentido da vida. Com base nisso, Krenak tece críticas aos posicionamentos assumidos por Jair Bolsonaro, então Presidente da República, ao defender a manutenção das atividades econômicas mesmo ciente de que muitas pessoas morreriam se o isolamento social não fosse respeitado durante a pandemia. Para Krenak, as falas do governante refletem a “mentalidade doente que está dominando o mundo” (Krenak, 2020, p. 43) assim como a “banalização da vida” (Krenak, 2020, p. 46).

Neste sentido, o autor critica a concepção capitalista que associa a utilidade da vida à produção econômica. Conforme esta perspectiva, o valor atribuído à vida deriva das relações

de produção e consumo de modo que os sujeitos desvinculados do mercado produtor/consumidor se tornam inúteis para o sistema. O título da obra *A vida não é útil* faz alusão à esta perspectiva já que o autor contesta este modo de compreender e viver a vida. Para Krenak, a vida não deve ser compreendida a partir do prisma da utilidade, mas como experiência transcendente que deve estar em harmonia com a natureza.

Por outro lado, para além do capitalismo, o autor aponta as religiões, a política e as ideologias como agentes que também veiculam a ideia de que a vida deve ser útil ou, em outras palavras, produtiva. Sendo assim, o autor destaca que

[...] a vida não tem utilidade nenhuma. A vida é tão maravilhosa que a nossa mente tenta dar uma utilidade a ela, mas isso é uma besteira. A vida é fruição, é uma dança, só que é uma dança cósmica, e a gente quer reduzi-la a uma coreografia ridícula e utilitária. [...] Viver a experiência de fruir a vida de verdade deveria ser a maravilha da existência. (Krenak, 2020, p. 57-58)

A partir das obras *Ideias para adiar o fim do mundo* e *A vida não é útil*, Ailton Krenak contribui de forma incisiva para a desconstrução de estereótipos historicamente cristalizados sobre os povos indígenas, como a ideia de que estes são todos iguais, primitivos, passivos e alienados e a visão folclórica de suas culturas e tradições. Ao articular uma crítica profunda à lógica colonial e ao pensamento ocidental dominante, Krenak evidencia a potência filosófica, política e espiritual dos saberes indígenas, reposicionando-os como fundamentais para repensar os modos de existência no mundo contemporâneo.

Ao invés de situa-los como sujeitos derrotados, desolados ou vitimizados, Krenak situa-os como resilientes e, portanto, como referências no combate ao colapso ambiental. Nesse sentido, suas reflexões promovem não apenas uma ruptura com visões reducionistas, mas também impulsionam o reconhecimento e a valorização da pluralidade étnica e cultural dos povos originários, destacando a importância da preservação de suas subjetividades como forma de resistência, continuidade e reinvenção das suas formas de viver e habitar o mundo.

3.2 “SE HÁ FUTURO A SER COGITADO, ESSE FUTURO É ANCESTRAL”: OS SABERES INDÍGENAS COMO ALTERNATIVA AO MODELO OCIDENTAL

De modo semelhante, as discussões de Ailton Krenak tornam explícito que a natureza, assim como a vida, não deve ser pensada a partir da sua utilidade, mas como organismo vivo do qual fazemos parte. Esta mentalidade, imbuída de elementos que permeiam a visão filosófica e poética do autor, manifesta-se em toda a coletânea de textos que compõem seus livros, mas

de modo especial pode ser observada na obra *Futuro ancestral* (2022) em que Krenak nos convida a vínculos mais afetivos com o planeta.



Capa do livro *Futuro ancestral* (2022). Fonte: Google.

O livro, fruto de entrevistas virtuais concedidas por Ailton Krenak entre 2020 e 2021, durante a pandemia de Covid-19, traz reflexões sobre diversos temas, como economia, urbanismo, natureza, ancestralidade e educação. Estruturada em cinco capítulos, a obra apresenta uma crítica contundente aos modos de vida contemporâneos, ao mesmo tempo em que propõe a adoção de novas perspectivas.

Apesar de a obra dar continuidade a algumas das reflexões presentes nos livros anteriores, a ancestralidade passa assumir um papel de centralidade enquanto chave para imaginar e construir o futuro. Na visão de Krenak, a ancestralidade não é apenas um retorno ao passado ou à tradição por si só, mas um modo de estar no mundo que valoriza o vínculo com a Terra, com os espíritos, com os ciclos da natureza e com os saberes transmitidos entre gerações.

É uma dimensão do tempo que conecta passado, presente e futuro. Neste sentido, é uma cosmovisão que propõe uma temporalidade circular e viva ao invés de reproduzir a lógica linear do tempo e da história que, geralmente, situa o novo como melhor e trata o “antigo” como ultrapassado. Deste modo, a invocação à ancestralidade também pode ser compreendida como uma forma de resistência à medida em que confronta a imposição de uma única forma de racionalidade, de desenvolvimento e de existência.

Assim como os viajantes europeus possuíam narrativas sobre a origem do mundo e dos homens e elaboraram uma diversidade de mitos a respeito dos povos originários a partir dos

contatos entre eles, nas tradições nativas existem diversas narrativas que narram mitos de fundação e descrevem a “profecia sobre a chegada dos brancos” (Krenak, 1999, p. 24). Tais mitos, do ponto de vista europeu, tinham como objetivo justificar a colonização apresentando-a como uma missão civilizadora e religiosa através da qual os europeus levariam civilização à barbárie e o cristianismo à idolatria. Dentro desta perspectiva, os povos originários eram descritos como selvagens, passivos e inferiores, vulneráveis à dominação e suscetíveis à conversão.

A perspectiva adotada por Allan R. Holmberg⁵ ao estudar o povo Sirionó, da Bolívia, reflete esta narrativa eurocêntrica à medida em que classifica aquele povo como primitivo, sem história, culturalmente pobre, devastado pelas epidemias e pelos contatos com invasores. Além disso, Holmberg atribuiu tais características de modo genérico às demais sociedades indígenas pré-colombianas reforçando a noção de que, antes da chegada dos europeus, os nativos eram pouco desenvolvidos e viviam de modo rudimentar. Charles Mann (2007), por outro lado, contesta tais descrições ao discutir os equívocos presentes nesta visão ocidental que levou à consolidação, pela historiografia tradicional, de ideias e imagens distorcidas em relação à América e aos ameríndios. O autor esclarece que antes da chegada de Colombo, as Américas já eram densamente povoadas por civilizações complexas e culturalmente ricas.

Luiz Estevam e Marcus Vinicius (2007) alertam para o fato de que ainda no final do século XX e início do XXI ainda predominavam nos livros didáticos escolares aquelas mesmas visões sobre a América e seus habitantes originários que reproduziam “uma imagem de sujeição, de autoritarismo e de incapacidade de livrar-se da condição de colônia” (Fernandes; Morais, 2007, p. 145). Os autores observaram que a narrativa da conquista e “seus traumas” apresentam-se de modo constante nos manuais analisados reforçando dualidades que têm como elemento comum o derrotismo atribuído aos povos indígenas em decorrência do mito dos vencedores e dos vencidos. Conforme este mito, a visão eurocêntrica consagra-se como superior em detrimento do nativo situado como vítima.

Desse modo, as diferentes vertentes historiográficas, tanto a que busca enaltecer o indígena destacando seu sofrimento – no caso de Bartolomé de Las Casas – quanto a que reforça a superioridade europeia, não enxergam o Outro como sujeito ativo tendo em vista que o lugar de destaque é dado à destruição e aniquilamento derivados da colonização, assim como Restall (2006) enfatiza em relação ao mito da desolação nativa. O trabalho dos autores, portanto,

⁵ Allan R. Holmberg (1909-1966) foi um antropólogo norte-americano cujo estudo em relação ao povo indígena Sirionó, da Bolívia, tornou-se um caso exemplar do paradigma interpretativo fortemente predominante no imaginário cultural e intelectual do século XX ao classificar aquele povo como subdesenvolvido.

evidenciam que tais perspectivas se mantiveram no âmbito historiográfico até um período recente e que elas podem contribuir para manutenção de visões pessimistas em relação à América e aos povos indígenas.

Em contrapartida, as narrativas indígenas de diferentes povos apresentam concepções distintas. Enquanto na perspectiva europeia, além de os indígenas serem vistos como povos inferiores e bárbaros, a Terra é pensada como propriedade geradora de poder e soberania, nas narrativas das comunidades tradicionais os brancos são descritos como irmãos que se distanciaram de suas origens ancestrais. Em decorrência disso, perderam sua conexão com a natureza, aprenderam novos modos de organização, desenvolveram tecnologias diferentes e passaram a se colocar em oposição aos povos que se mantiveram vinculados às suas raízes ancestrais vivendo em harmonia uns com os outros e com o ambiente, do qual retiram apenas o necessário para a sobrevivência coletiva.

Davi Kopenawa e Ailton Krenak, na obra *A outra margem do ocidente (1999)*, refletem acerca das narrativas ancestrais que versam sobre o contato com as diferentes culturas, nativas e não indígenas, ao longo da história e sobre os impactos destes encontros para os povos originários. No relato de Kopenawa, os brancos, embora tivessem sido criados pelo mesmo criador dos povos indígenas e vivessem nas mesmas florestas, foram expulsos para uma terra distante porque representavam perigo para os demais. Tempos mais tarde, lembraram de que havia uma outra terra distante e bela e decidiram voltar, mentindo e enganando os povos que ali residiam. Depois de fixados, esqueceram as promessas de amizade e em nome de sua ganância começaram a matar os povos das florestas.

Com base nessa narrativa, o porta-voz indígena afirma que os brancos se distanciaram de sua ancestralidade e, por isso, tornaram-se um povo sem sabedoria cujo pensamento encontra-se obstruído. Kopenawa critica o mito do descobrimento, propagado por meio da historiografia oficial, segundo o qual os europeus “descobriram” uma terra inabitada. Segundo o xamã,

Nos primeiros tempos, eles eram como nós, mas esqueceram todas as suas antigas palavras. Mais tarde, atravessaram as águas e vieram em nossa direção. Depois, repetem que descobriram esta terra. Só compreendi isso quando comecei a compreender sua língua. Mas nós, os habitantes da floresta, habitamos aqui há longuíssimo tempo, desde que Omama nos criou. No começo das coisas, aqui só havia habitantes da floresta, seres humanos. Os brancos clamam hoje: "Nós descobrimos a terra do Brasil!". Isso não passa de uma mentira. Ela existe desde sempre e Omama nos criou com ela. Nossos ancestrais a conheciam desde sempre. Ela não foi descoberta pelos brancos! Muitos outros povos, como os Makuxi, os Wapixana, os Waiwai, os Waimiri-Atroari, os Xavante, os Kayapó e os Guarani ali viviam também. Mas, apesar disso, os brancos continuam a mentir para si mesmos pensando que

descobriram esta terra! Como se ela estivesse vazia! Como se os seres humanos não a habitassem desde os primeiros tempos! (Kopenawa, 1999, p. 18)

Ao longo do texto, Kopenawa apresenta alguns posicionamentos semelhantes aos de Ailton Krenak em *Futuro ancestral* tais como a crítica à agitação presente nas cidades e a devastação do meio ambiente em prol do desenvolvimento de suas mercadorias e das sociedades urbanas. Assim como Kopenawa critica a devastação das florestas e dos rios nas cidades europeias, Krenak critica o modo como as urbes têm se constituído e se organizado a partir do distanciamento e depredação em relação aos rios – à natureza como um todo – afirmando que, com isso, estamos prejudicando a nossa própria existência. Conforme o autor,

O que estamos fazendo ao sujar as águas que existem há 2 bilhões de anos é acabar com a nossa própria existência. Elas vão continuar existindo aqui na biosfera e, lentamente, vão se regenerar, pois os rios têm esse dom. Nós é que temos uma duração tão efêmera que vamos acabar secos [...] (Krenak, 2022, p.26)

Por outro lado, dando ênfase ao modo de vida tradicional dos povos originários, Kopenawa reforça o anseio – que também se expressa através dos escritos e posicionamentos de Krenak – de que “a floresta permaneça como é” de modo que as pessoas que nela vivem possam desfrutar de saúde cultivando apenas o necessário para viver e que as caças, os peixes e os espíritos possam continuar existindo sem a poluição derivada das fábricas e da mineração.

Ailton Krenak, em *Futuro ancestral*, defende que, ao invés da manutenção da mentalidade e modo de vida predatórios que refletem o que o autor chama de “colapso afetivo” em relação à natureza, sejamos capazes de estabelecer vínculos harmoniosos entre mundos diferentes respeitando a diversidade de narrativas, memórias e tradições existentes entre si. A proposta de Krenak sugere que possamos estabelecer “afetos entre mundos não iguais.” E esclarece que “Esse movimento não reclama por igualdade, ao contrário, reconhece uma intrínseca alteridade em cada pessoa, em cada ser, introduz uma desigualdade radical [...]” (Krenak, 2022, p. 82).

Neste sentido, a obra manifesta a valorização do autor em relação à diversidade que se expressa por meio dos saberes ancestrais. Ao contrário da pretendida aculturação/assimilação buscada em relação aos povos indígenas ao longo da colonização e até um período recente da história nacional, Krenak defende que as narrativas plurais, que carregam memórias, saberes e histórias, coexistam de modo respeitoso. Deste modo, ao invés de priorizar uma perspectiva em detrimento das demais, o autor sugere a manutenção da heterogeneidade que compõe a

existência como um todo. Em relação a permanência das narrativas ancestrais, o autor afirma que

É maravilhoso que ainda existam essas memórias nas tradições de centenas de povos, seja nas Américas, na África, na Ásia... Essas narrativas são presentes que nos são continuamente ofertados, tão bonitas que conseguem dar sentido às experiências singulares de cada povo em diferentes contextos de experimentação da vida no planeta. (Krenak, 2022, p.32)

No texto *O eterno retorno do encontro* (1999), Krenak apresenta um posicionamento semelhante ao falar sobre a experiência do contato em diferentes culturas. As narrativas apontadas pelo autor, assim como as de Davi Kopenawa, situam os brancos como irmãos que haviam se distanciado por muitas gerações e quando decidiram retornar estavam desconectados e já não se reconheciam. De acordo com Krenak, estes sujeitos estão situados nas narrativas de diferentes povos ocupando um lugar de oposição constante que reflete as diferenças entre os povos. O autor afirma que é necessário que essas diferenças sejam reconhecidas e valorizadas, pois

Só quando conseguirmos reconhecer essa diferença não como defeito, nem como oposição, mas como diferença da natureza própria de cada cultura e de cada povo, só assim poderemos avançar um pouco o nosso reconhecimento do outro e estabelecer uma convivência mais verdadeira entre nós. (Krenak, 1999, p. 24)

O posicionamento assumido por Krenak ao longo do texto se faz presente, em maior ou menor grau, em obras mais recentes – como as mencionadas neste trabalho – à medida em que o autor defende o respeito e a valorização da pluralidade cultural que compõe a sociedade brasileira. Na concepção do autor, o encontro entre as diferenças não se limita à chegada dos colonizadores ao que hoje conhecemos como Brasil, mas é algo que ocorre cotidianamente e justamente por isso é necessário que haja uma mudança de posicionamento em relação ao Outro para que os mesmos equívocos não sejam repetidos.

Para além desse processo de reconhecimento e aceitação da diversidade cultural existente, o autor propõe que busquemos vivenciar uma “experiência de florestania” que consiste em uma reaproximação com a natureza trazendo-a para o nosso cotidiano, sobretudo no âmbito das cidades onde a expansão urbanística tem limitado a presença de espaços naturais. Neste sentido, Krenak aponta para o necessário “reflorestamento” do nosso imaginário enquanto humanidade já que a vida é fruição e, portanto, exige o contato com o natural.

“Futuro ancestral”, em suma, reflete uma ideia poética e filosófica que articula ancestralidade, tempo, espiritualidade, memória e tradição. Através dela, Krenak critica o modo

como a modernização tem se concretizado a partir do projeto ocidental de civilização, assim como a padronização dos modos de vida e da ideia de humanidade. Na perspectiva do autor, o tempo deve ser compreendido como algo espiralado, vivo e não-linear de modo que o passado e o futuro estão presentes na memória e nos rituais como uma continuidade.

Dessa maneira, Krenak propõe a ancestralidade como direcionamento para caminharmos com mais sensibilidade e respeito no mundo. Yussef Campos, no livro *Lugares de origem* (2022), feito em conjunto com Ailton Krenak, afirma que “a ancestralidade é a casa da sabedoria” (Campos, 2022, p. 82) – trecho que pode ser associado à concepção de Davi Kopenawa ao considerar os brancos como um povo sem sabedoria devido ao seu afastamento em relação à ancestralidade. Assim, podemos compreender a constante defesa e afirmação dos saberes tradicionais, presentes em Krenak, como ato político que propõem e de certo modo implica uma decolonialidade do ser e do saber, conforme Aníbal Quijano (2005).

Possivelmente por isso em *Futuro ancestral* o autor ressalte a importância de repensar a educação escolar que molda os sujeitos, de acordo com as aspirações do sistema, para a competitividade reproduzindo silenciamentos e até mesmo desigualdades. Neste sentido, observa-se a atualidade do trabalho de Luiz Estevam e Marcus Vinicius ao pensar a educação como reprodutora de saberes que podem ser problemáticos. Em vez disso, Krenak propõe “abrir janelas para outros saberes e passa-los adiante.” (Campos, 2022, p. 95).

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em linhas gerais, nosso interesse nos pontos que foram apontados ao longo do texto se expressa à medida em que buscamos evidenciar que as falas e o posicionamento atuante de Ailton Krenak contribuem para romper com a perspectiva derrotista em relação aos povos originários que a historiografia tradicional cristalizou ao longo do tempo. Sendo este o objetivo central deste trabalho, os dados levantados nos permitem entender que o autor e ambientalista em questão age em contrapartida ao derrotismo, sobretudo, conforme propõe a valorização de outras narrativas acerca da história, bem como o combate à homogeneização cultural e identitária dos povos por muito tempo pretendida tanto pelo projeto colonial quanto pelo Estado nacional brasileiro.

Sendo assim, os aspectos discutidos ao longo deste trabalho permitem concluir que as hipóteses levantadas em relação à atuação de Ailton Krenak, enquanto líder indígena e ambientalista, foram confirmadas já que o lugar e a postura por ele assumidos contribuem para a propagação de uma perspectiva de cunho decolonial em benefício dos povos ameríndios, de seus territórios e de suas subjetividades culturais. Deste modo, apesar de tecer inúmeras críticas no âmbito de suas reflexões, o autor não se configura como pessimista, pois defende e incita constantemente a possibilidade de transformação dos cenários atuais através de mudanças radicais nas mentalidades e ações dos sujeitos. O próprio autor apresenta-se como um proponente à medida em que afirma: “Não sou um pregador do apocalipse, o que tento é compartilhar a mensagem de um outro mundo possível.” (Krenak, 2020, p. 45).

Neste sentido, as denúncias feitas por Ailton Krenak acerca da perspectiva ocidental que se consolidou nas sociedades a respeito da humanidade, assim como suas críticas à lógica utilitária e mercadológica que foram historicamente atribuídas à vida e ao planeta refletem uma concepção subjetiva que entende os seres humanos como parte de um todo em que, ao invés de serem melhores ou superiores, atuam como os mais danosos. Portanto, a proposta de adiar o fim do mundo sugere, em suma, metamorfoses que favoreçam “uma experiência transcendente na qual o casulo do humano implode, se abrindo para outras visões da vida não limitada.” (Krenak, 2019, p. 32).

Agindo deste modo, Krenak estimula não apenas o respeito entre os seres humanos e a natureza, mas também às diferenças entre os povos reconhecendo a importância da diversidade que os compõe. Para o autor,

Há centenas de narrativas de povos que estão vivos, contam histórias, cantam, viajam, conversam e nos ensinam mais do que aprendemos nessa humanidade.

Nós não somos as únicas pessoas interessantes no mundo, somos parte do todo. Isso talvez tire um pouco da vaidade dessa humanidade que nós pensamos ser, além de diminuir a falta de reverência que temos o tempo todo com as outras companhias que fazem essa viagem cósmica com a gente.” (Krenak, 2019, p. 15)

É em decorrência disso que o autor chama a atenção para o fato de que o modo como temos conduzido o fluxo da vida, como se o futuro e a vida pudessem ser tratados como mercadoria, tem nos direcionado para cenários desastrosos. O apelo ao entendimento de que “se há futuro a ser cogitado, esse futuro é ancestral” (Krenak, 2022, p. 11) alerta para o fato de que, em sociedades severamente marcadas pelas disputas em torno da devastação do planeta, os povos originários, historicamente vistos como primitivos e incapazes, podem contribuir para uma reconfiguração da existência através dos conhecimentos que detém.

Grosso modo, nos leitores que se debruçam sobre as reflexões tecidas por Ailton Krenak, novas compreensões podem ser gestadas em relação aos povos indígenas de diferentes partes do mundo, à humanidade, ao meio ambiente e aos modos de organização das sociedades contemporâneas em termos políticos, econômicos, culturais, sociais, etc. Longe de serem perspectivas românticas, as ideias defendidas por Krenak passam, antes, pelas possibilidades de convivências afetivas e de sincronização da existência ao ritmo de fruição que a vida no planeta exige. Eis o desafio proposto.

FONTES

- KRENAK, Ailton. *Ideias para adiar o fim do mundo*. São Paulo: Editora Schwarcz, 2019.
- KRENAK, Ailton. *A vida não é útil*. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.
- KRENAK, Ailton. *Futuro ancestral*. 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.
- KRENAK, Ailton. Entrevista concedida a: Sergio Cohn. São Paulo: Produção Cultural, 24 de junho de 2010.
- KRENAK, Ailton. Ecologia política. *Ethnoscientia*, v. 3, n. 2 (ed. especial), p. 1–2, 2018.
- KRENAK, Ailton. Entrevista concedida a Gabriel Kozlowski. In: *8 reações para o depois*. 1. ed. Rio de Janeiro: Rio Books, 2019.
- KRENAK, Ailton. Quando o povo indígena descobriu o Brasil. In: PONTES, A. L. M.; HACON, V.; TERENA, L. E.; SANTOS, R. V. (orgs.). *Vozes indígenas na saúde: trajetórias, memórias e protagonismos* [recurso eletrônico]. Belo Horizonte: Piseagrama; Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2022.
- KRENAK, Ailton. A União das Nações Indígenas. In:_____. COHN, Sergio (org.). *Encontros: Ailton Krenak*. Azougue Editorial, 2015, p. 20-29.
- KRENAK, Ailton. A Aliança dos Povos da Floresta. In:_____. COHN, Sergio (org.). *Encontros: Ailton Krenak*. Azougue Editorial, 2015, p. 50-77.
- KRENAK, Ailton. Genocídio e resgate dos “botocudos”. In:_____. COHN, Sergio (org.). *Encontros: Ailton Krenak*. Azougue Editorial, 2015, p. 196-215.
- KRENAK, Ailton. Os índios não estão preparados para votar, para trabalhar, para existir... *Lua Nova: Revista de Cultura e Política*, v. 1, n. 1, p. 86–91, jun. 1984.
- KRENAK, Ailton. O eterno retorno do encontro. In: NOVAES, Adauto (org.). *A outra margem do ocidente*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.
- MOREIRA, Adriano de Lavor. “Ser índio deixou de ser sinônimo de escondido no mato”: uma conversa sobre visibilidade com Ailton Krenak. *Revista de Antropologia* (São Paulo, online), v. 65, n. 3, 2022.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALMEIDA, Maria Regina Celestino de. *Os índios na História do Brasil*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2010.
- ALVES, Cláudia. Contribuições de Jean-François Sirinelli à história dos intelectuais da educação. *Educação e Filosofia*, Uberlândia, v. 33, n. 67, p. 27–55, jan./abr. 2019.

ANDRADE, Maurício Tadeu de. Resenha de: RESTALL, Matthew. *Sete mitos da conquista espanhola*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006. *Revista Eletrônica História em Reflexão*, Dourados: UFGD, v. 2, n. 3, jan./jun. 2008.

BANIWA, Gersem dos Santos Luciano. *O índio brasileiro: o que você precisa saber sobre os povos indígenas no Brasil de hoje*. Brasília: MEC/Secad; Rio de Janeiro: Museu Nacional/UFRJ, 2006.

BICALHO, Poliene. *Protagonismo Indígena no Brasil: Movimento, Cidadania e Direitos (1970-2009)*. Tese (doutorado) - Universidade de Brasília, Instituto de Ciências Humanas, Departamento de História, 2010.

CAMPOS, Yussef, KRENAK, Ailton. *Lugares de origem*. São Paulo: Jandaíra, 2022.

CUNHA, Manuela Carneiro da. *Os direitos do índio*. Ensaios e documentos. São Paulo: Brasiliense. 1987.

FERNANDES, Luiz Estevam; MORAES, Marcus Vinicius. Renovação da História da América. In: KARNAL, Leandro (org.). *História na sala de aula: conceitos, práticas e propostas*. 5. ed. São Paulo: Contexto, 2007.

GALEANO, Eduardo. *As veias abertas da América Latina*. Editora L&PM, 2010.

LIMA NETO, Francisco. *Krenak: Ailton Krenak*. 1ª Ed. Campinas, São Paulo: Editora Mostarda, 2022.

MANN, Charles C. *1491: Novas revelações sobre as Américas antes de Colombo*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2007.

MUNDURUKU, Daniel. *O caráter educativo do movimento indígena brasileiro (1970-1990)*. São Paulo: Paulinas, 2012.

OLIVEIRA, João Pacheco de; FREIRE, Carlos Augusto da Rocha. *A Presença Indígena na Formação do Brasil*. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade; LACED/Museu Nacional, 2006.

OLIVEIRA, João Pacheco de. O movimento indígena. In: _____. *O nascimento do Brasil e outros ensaios: "pacificação", regime tutelar e formação de alteridades*. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2016.

QUIJANO, Aníbal. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. In: LANDER, Edgardo (org.). *A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas*. Buenos Aires: CLACSO, 2005.

RESTALL, Matthew. *Sete mitos da conquista espanhola*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.

SPOSITO, Fernanda. Os índios no Império: política e imaginário. In: _____. *Nem cidadãos, nem brasileiros: indígenas na formação do Estado nacional brasileiro e conflitos na província de São Paulo (1822-1845)*. São Paulo: Alameda, 2012.

SPIVAK, Gayatri C. *Pode o Subalterno falar?*. Belo Horizonte, Editora UFMG, 2010.

SILVEIRA, Maria de Fátima Souza da. Ailton Krenak e a descolonização do pensamento no Brasil. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE SOCIOLOGIA, 20., 2021, Belém. *Anais eletrônicos...* Belém: UFPA, 2021.

YANOMAMI, Kopenawa Davi. Descobrimo os brancos. In: NOVAES, Adauto (org.). *A outra margem do ocidente*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

Discurso de posse de Ailton Krenak na Academia Brasileira de Letras (ABL), em 05 de abril de 2024. Disponível em: <https://www.academia.org.br/academicos/ailton-krenak/discurso-de-posse> < Acesso em 28 de julho de 2024 >

Trecho da fala de Emmanuel Lenain sobre Ailton Krenak durante homenagem da França ao ativista brasileiro. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/direitos-humanos/noticia/2024-05/krenak-recebe-homenagem-da-franca-pela-defesa-dos-povos-originarios> < Acesso em 28 de julho de 2024 >

Trecho da fala de Ailton Krenak durante a condecoração concedida pela embaixada francesa. Disponível em: <https://www.metropoles.com/colunas/claudia-meireles/lider-indigena-ailton-krenak-e-condecorado-pela-embaixada-da-franca> < Acesso em 28 de julho de 2024 >

Biblioteca do Ailton Krenak, disponível em: <https://www.bibliotecasabesp.com.br/noticia/biblioteca-do-ailton-krenak-um-espaco-irreverente-que-fala-e-celebra-o-pensador-indigena> < Acesso em 28 de julho de 2024 >

Selvagem Ciclo de Estudos, disponível em: <https://selvagemiclo.com.br/home/> < Acesso em 28 de julho de 2024 >



**TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA DISPONIBILIZAÇÃO ELETRÔNICA
DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO NA BASE DE DADOS DA
BIBLIOTECA**

1. Identificação do material bibliográfico:

Monografia [] TCC Artigo

Outro: _____

2. Identificação do Trabalho Científico:

Curso de Graduação: Licenciatura Plena em História

Centro: Campus Senador Helvécio Nunes de Barros

Autor(a): Maria Unessa de Sousa Moura

E-mail (opcional): mariaunessa@ufpi.edu.br

Orientador (a): Prof. Dr. José Maria Vieira de Andrade

Instituição: Universidade Federal do Piauí (UFPI) - CSHNB

Membro da banca: Prof. Dr. Razeel Ricarte da Silva

Instituição: Universidade Federal do Piauí (UFPI) - CSHNB

Membro da banca: Prof. Me. Francisco Adriano Leal Macedo

Instituição: Universidade Federal do Amazonas (UFAM)

Membro da banca: _____

Instituição: _____

Titulação obtida: licenciada em História

Data da defesa: 26 / 06 / 25

Título do trabalho: "Nós estamos cada vez mais visíveis": Ailton Krenak, a crítica à normativa civilizatória ocidental e a luta dos povos originários (1987-2022)

3. Informações de acesso ao documento no formato eletrônico:

Liberação para publicação:

Total: Parcial: . Em caso de publicação parcial especifique a(s) parte(s) ou o(s) capítulos(s) a serem publicados: _____**TERMO DE AUTORIZAÇÃO**

Considerando a portaria nº 360, de 18 de maio de 2022 que dispõe em seu Art. 1º sobre a conversão do acervo acadêmico das instituições de educação superior - IES, pertencentes ao sistema federal de ensino, para o meio digital, autorizo a Universidade Federal do Piauí - UFPI, a disponibilizar gratuitamente sem ressarcimento dos direitos autorais, o texto integral ou parcial da publicação supracitada, de minha autoria, em meio eletrônico, na base dados da biblioteca, no formato especificado* para fins de leitura, impressão e/ou *download* pela *internet*, a título de divulgação da produção científica gerada pela UFPI a partir desta data.

Local: Picos, Piauí Data: 02/10/25Assinatura do(a) autor(a): Maria Vanessa de Sousa Moura

* Texto (PDF); imagem (JPG ou GIF); som (WAV, MPEG, MP3); Vídeo (AVI, QT).